

Vestibular

Oferta de graduação em Dança, Fisioterapia e Análise de Políticas e Sistemas de Saúde é possível em função do Reuni, programa do Ministério da Educação que fornece recursos para a ampliação do número de vagas nas universidades federais. A Fisioterapia é um dos cursos mais concorridos no processo seletivo de 2009, com 648 inscritos para 30 vagas. Dança, que funcionará na Escola de Educação Física, atendendo a uma antiga reivindicação da comunidade, atraiu 232 estudantes. Análise de Políticas e Sistemas de Saúde será desenvolvido no prédio da Faculdade de Farmácia e tem como foco a integração entre o atendimento público e o privado para a área. **P7**

UFRGS estreia NOVOS CURSOS



CRISTINA LIMA/ DIVULGAÇÃO

PROGRAMAÇÃO CULTURAL Extensão propõe resgate dos espaços acadêmicos

O Departamento de Difusão Cultural da Pró-reitoria de Extensão da UFRGS anunciou que a programação para o próximo ano será fundamentada em três eixos: ações multiculturais, resgate das relações da Universidade e reflexão. Conforme a diretora do Departamento, Cláudia Boettcher, a principal realização no eixo reflexivo será a promoção de um congresso internacional pioneiro na área. As ações multiculturais serão marcadas por parcerias e itinerância. O programa Cultura 12 e 30 voltará, com atividades no Campus do Vale. E o grande desafio para 2009 é a revitalização da Sala Fahrion (foto) e do Salão de Festas no segundo andar da reitoria. **P14**



FLÁVIO DUTRA/PROJETO CONTATO

MÚSICA

O fenômeno da adoração pelos antigos discos de vinil



FLÁVIO DUTRA/PROJETO CONTATO

Em tempos de mídia digital, surpreendentemente, fala-se muito no retorno dos antigos LPs. "Não é uma volta do vinil para a massa", pondera Ivan Laurindo, que vende este produto há mais de 20 anos. Proprietário de uma loja de discos no centro da capital, ele diz que boa parte das reedições são de álbuns clássicos e soma a isso a constatação de que a maioria das pessoas não dispõe de toca-disco. Alguns artistas consagrados, entretanto, têm lançado suas novas produções em ambos

os formatos: CD e LP, na tentativa de contemplar esse público restrito, mas apaixonado por música. Os aficionados também rendem elogios ao Compact Disc: "Havia discos importantíssimos que voltaram ao acervo na era digital, na era do CD". A afirmação é do jornalista e produtor cultural da Universidade José Carlos de Azevedo, apontando a vantagem que esse novo suporte possibilitou ao cenário musical: a de recuperar discografias antes inacessíveis. **P13**

ANÁLISE POLÍTICA

O futuro com Obama

Na opinião do filósofo Nelson Boeira, professor do Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, a vitória de Barack Obama na corrida para a presidência dos Estados Unidos encerra uma etapa importante da luta pelos direitos civis e abre a agenda nacional para a rediscussão pública da identidade e dos objetivos norte-americanos no século XXI. E Bruna Amaral, estudante de Jornalismo da UFRGS, relata alguns momentos importantes da cobertura que realizou na Carolina do Norte. **P10**

PERSEGUIÇÃO

As lições dos expurgos na Universidade

A reedição do livro *Universidade e repressão - Os expurgos na UFRGS* jogou luz sobre os ciclos repressivos ocorridos em 1964 e 1969. Atingindo docentes, técnicos e estudantes, as cassações e aposentadorias precoces retiraram do ambiente acadêmico mestres reconhecidos por sua qualificação intelectual e posicionamento crítico. Esses fatos e suas conseqüências para as carreiras dos envolvidos são lembrados por dois dos autores do livro e por quatro professores expurgados dos cursos de Filosofia, Arquitetura, Economia e Letras. **Página Central**

DEPRESSÃO

Organismos de saúde em alerta

O Rio Grande do Sul é o estado do Brasil com maior incidência de suicídio, segundo o Ministério da Saúde. O problema, que vem sendo tratado como questão de saúde pública desde 2006, já conta com programas específicos para diminuir sua ocorrência no país. Pesquisas demonstram que 80% dos suicidas estavam deprimidos. Na seção Ciência, o psiquiatra Marcelo Fleck fala sobre os riscos do transtorno. **P11**

URBANISMO

A polêmica do Pontal

Aprovado pelos vereadores com muita discussão e vetado pelo prefeito José Fogaça, o projeto arquitetônico Pontal do Estaleiro deverá ser apreciado pelos porto-alegrenses. O Executivo encontrou como solução para o impasse estabelecer um referendo popular em 2010, juntamente com o processo eleitoral daquele ano. Os prós e contras ao complexo podem ser conferidos na reportagem de Atualidade. **P5**

Artigo

Os significados de uma eleição regional

O resultado das eleições municipais brasileiras, marcadas pela baixa polarização de projetos, não deu margem a grandes interpretações: saiu fortalecido o bloco de poder dos partidos que compõem o “pacto” de Lula, tanto em seu espectro mais à esquerda quanto à direita.

Porém, em países em que a realidade tem sido a da polarização entre projetos antagônicos, as eleições regionais podem dar origem a múltiplas interpretações. Foi o que ocorreu em novembro, nas eleições regionais na Venezuela, em que se escolheram prefeitos, governadores, deputados e vereadores.

Tanto o chavismo quanto a oposição reivindicaram para si a condição de vitoriosos. No dia seguinte ao pleito, os principais jornais do mundo anunciavam com estardalhaço o revés do presidente Hugo Chávez. Nos EUA, o *The New York Times* afirmou que “a oposição deu um passo à frente”; o francês *Le Monde* destacou que a oposição “logrou vitórias importantes em diversos núcleos do país, ainda que o mapa político siga favorável ao presidente Chávez”; a rede britânica BBC, por seu turno, disse que “nestas eleições todos têm razão para comemorar: o oficialismo ganhou mais governos, mas a oposição ficou com os melhores”. No Brasil, a *Folha de São Paulo* foi categórica: “Chávez perde eleição em áreas mais populosas da Venezuela”. A imprensa local, diretamente envolvida na disputa que se trava no país, não merece referência, embora em geral tenha saudado o avanço oposicionista.

Na análise dos detratores do chavismo houve



DIVULGAÇÃO/JU

o prenúncio da derrocada da Revolução Bolivariana, a “grande virada” das oligarquias contra o socialismo de Chávez. Porém, partindo dos fatos e dos números, não parece isso.

A Venezuela é dividida em 22 estados e um distrito capital. Destes, o Partido Socialista Unido de Venezuela (PSUV) venceu em 17. Os demais (Zulia, Táchira, Nueva Esparta, Miranda e Carabobo) serão governados por partidos ligados à oposição. Além destes, a oposição venceu no distrito capital, derrotando Aristóbulo Istúriz, ex-ministro de Chávez – sem dúvida, a derrota mais amarga do PSUV nestas eleições.

A grande aliada de Chávez foi a participação popular. Contrariando o que previam os meios de comunicação, a baixa abstenção garantiu uma grande vitória ao chavismo: quase 5,4 milhões de votos, 900 mil a mais que a oposição, que no total alcançou cerca de 4,5 milhões de votos. Assim, a maior participação revelou-se um sintoma de que as contendas abertas no campo da Revolução Bolivariana com o referendo constitucional em 2007 foram supera-

das, garantindo uma vitória inquestionável de Chávez sobre seus adversários: em números absolutos, o chavismo aumentou sua votação em um milhão de votos em comparação ao número obtido no referendo.

No entanto, esta é a menor diferença em números gerais entre o chavismo e a oposição em oito anos. Além disso, os estados onde venceu a oposição concentram 70% do PIB venezuelano e a maioria da população do país, ainda que o PSUV tenha conquistado dois terços das 328 prefeituras em todo o país.

Dizia Marx que, sob dadas circunstâncias, é possível que quantidade se transforme em qualidade. Assim, a inquestionável vitória “quantitativa” do PSUV, num cenário em que a oposição segue sem condições de apresentar-se como alternativa de poder, marca o significado destas eleições para a Revolução Bolivariana. Primeiro, por ser a primeira desde a derrota sofrida pela Revolução durante o referendo constitucional do ano passado. Segundo, porque serviu para testar o poder de fogo do re-

cém-criado PSUV e sua capacidade de dirigir o bloco popular que reivindica o processo levado a cabo pelo presidente Chávez. Terceiro, para assegurar a vitória na maioria dos estados do país, o que pode ser decisivo para o avanço de medidas mais profundas que estão por vir.

Quem no Brasil chamaria de derrota o desempenho de um partido que ganha 17 governos estaduais num total de 22 estados, após nove anos de governo nacional? Na Venezuela, isso existe. Não satisfeitos em questionar o desempenho do PSUV, há quem faça coro com a oligarquia venezuelana, a exemplo de Roland Denis (vice-ministro de Planejamento e Desenvolvimento do governo Chávez em 2002-2003), que qualificou o desempenho dos setores conservadores como “vitória estratégica e hegemônica da direita”.

Como lembrou o editor argentino Santiago O'Donnell, não é pouco, para um governo que sobreviveu a um *lockout* petrolífero, uma tentativa de golpe, um boicote eleitoral e um referendo revogatório, manter um nível de 60% de aprovação e garantir a eleição de tão numerosos estados e prefeituras. Por um lado, a oposição não tem motivos para comemorar, pois, além de seguir fragmentada, mantém sua força limitada a algumas poucas – embora importantes – regiões do país, enquanto, por outro, a espetacular vitória do chavismo mantém as condições para o incremento do bloco popular e das transformações em curso na Venezuela para o avanço da Revolução Bolivariana.

Esse é o resultado real. O resto é pura propaganda.

Juliano Medeiros

Aluno do 6º semestre do curso de História e diretor da União Nacional dos Estudantes (UNE), que acompanhou as eleições venezuelanas a convite do Conselho Nacional Eleitoral daquele país.

ACERVO MUSEU DA UFRGS



UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL
Av. Paulo Gama, 110 - Bairro Farroupilha, Porto Alegre - RS | CEP 90046-900
Fone: (51) 3308-7000 | www.ufrgs.br

Reitor
Carlos Alexandre Netto
Vice-reitor
Rui Vicente Oppermann
Chefe de Gabinete
João Roberto Braga de Mello
Secretário de Comunicação Social
Flávio Porcello

JORNAL DA UNIVERSIDADE
Publicação mensal da Secretaria de Comunicação Social da UFRGS
Fones: (51) 3308-3368 / 3308-3497

Conselho Editorial
Artur Lopes, Daltro José Nunes, Dirce Maria Antunes Suertegaray, Edson Luiz Lindner, Fernando Cotanda, Maria Henriqueta Luce Kruse, Rudimar Baldissera, Sandra de Deus, Sérgio Marley Modesto Monteiro

Editora-chefe
Ánia Chala
Repórteres
Caroline da Silva e Jacira Cabral da Silveira
Bolsistas
Aline Pellegrini, Bruna Goss, Fagner Nogueira, Paula Vieira, Pedro Cassel e Rafaela Gloria
Projeto gráfico
Juliano Bruni Pereira
Diagramação
Aluisio Pinheiro
Fotografia
Cadinho Andrade e Flávio Dutra
Revisão
Antônio Falcetta
Circulação
Márcia Fumagalli
Fotolitos e impressão
Gráfica da UFRGS
Tiragem 12 mil exemplares

Os textos assinados são de inteira responsabilidade de seus autores

Memória da UFRGS



1992

Muito antes da Internet, a inscrição para o vestibular da UFRGS era um processo demorado, que implicava a formação de longas filas em torno do prédio da reitoria. A inscrição precisava ser feita pelo candidato ou por procurador, e os vestibulandos tinham de amargar um bom tempo de espera.

Mural do leitor

Nova ortografia

Sugiro a publicação de uma reportagem sobre a reforma ortográfica da língua portuguesa a ser implantada em 2009. A medida trará mudanças importantes que certamente irão afetar o dia-a-dia de todos nós, em especial dos professores e alunos.

Roberto Silva Oliveira, professor estadual

Unidade de conservação

Em reportagem publicada em dezembro de 2006, noticiou-se a criação de uma área de preservação no Morro Santana (Campus do Vale). A UFRGS ficou de indicar uma comissão para encaminhar o pedido ao Ibama. Como anda esse processo? A preservação está assegurada?

José Roberto Andrade, ecologista

Patrimônio

Saudando a campanha desenvolvida pela UFRGS para a recuperação de seus prédios históricos, aproveito para sugerir que os prédios sejam pintados com tinta antipichação. Já que o poder público não inibe a ação dos vândalos que atacam a cidade, parece-me a melhor solução.

Pedro Gustavo Souza, aposentado

Espaço da Reitoria

Renovação e esperança

O período das Colações de Grau delimita o ciclo do ensino de graduação na Universidade. Coroamento de um percurso, o derradeiro ritual acadêmico celebra uma conquista e aponta para o futuro. A realização do sonho do diploma dá lugar a novas aspirações, carregadas de esperança, chama da vida.

Dando início ao ciclo 2009, dentro de poucas semanas será realizado o Concurso Vestibular, que garantirá acesso a 4.556 calouros. São oferecidas 244 novas vagas, resultado do trabalho competente de docentes e servidores, bem como do investimento federal para a expansão do ensino superior. Ao mesmo tempo, o processo consolida a aplicação da política de reserva de vagas para egressos de escolas públicas, autodeclarados negros ou indígenas.

As contratações de pessoal ocorridas no ano de 2008 constituem elemento fundamental para a capacidade de crescimento e inovação com qualidade. Foram contratados 180 servidores e 67 docentes do ensino superior e médio; outras 4 nomeações de docentes e 71 de técnicos estão em processamento. Encontram-se abertos 20 concursos públicos docentes e outros 9 passam a receber inscrições ainda em dezembro.

Novos estudantes, aumento de vagas e ampliação do quadro funcional são sinais da constante renovação de nossa instituição, patrimônio da sociedade gaúcha e brasileira. O encerramento de um ciclo dá início ao próximo com renovada esperança, certeza de que o trabalho e a dedicação de todos farão crescer ainda mais a Universidade. Seja bem-vindo, 2009!

Carlos Alexandre Netto
Reitor

journal@ufrgs.br

Vestibular 2009 Quatro dias de concentração



FLÁVIO DUTRA/PROJETO CONTATO

De 4 a 7 de janeiro, a Universidade Federal do Rio Grande do Sul realiza o mais tradicional processo seletivo do estado para o ingresso de estudantes na graduação. As provas serão realizadas em dependências da UFRGS e em escolas da capital, de Tramandai, Imbé e Bento Gonçalves. Para o vestibular de 2009, a instituição oferece vagas em três novos cursos: Fisioterapia, Dança e Análise de Políticas e Sistemas de Saúde.

Fisioterapia será um dos mais concorridos, perdendo somente para Medicina (37,37 candidatos por vaga). A nova graduação da área da saúde terá 30 vagas, com 648 estudantes inscritos, resultando numa densidade de 21,60. O curso de Dança também oferece 30 vagas, mas atraiu um número mais reduzido de interessados: 232. E o curso noturno de Análise de Políticas e Sistemas de Saúde tem 119 inscritos para 60 vagas, com menos de dois candidatos por vaga.

Na seqüência de Medicina e Fisioterapia, os cursos mais concorridos são Direito (opção diurno), Relações Internacionais e Jornalismo. Existe a previsão de que, em cinco anos, haverá um acréscimo de vagas de graduação na Universidade de quase 33%, aumentando de 4.342 para 5.768. Com relação aos cursos, o crescimento deve ficar em torno de 18% (saindo dos 69 atuais para 82 em 2012). Já no próximo ano serão 200 novas vagas. Essas estimativas pretendem atender à demanda da adesão ao programa de expansão das instituições de ensino superior públicas, o Reuni.

Para quem vai fazer as provas, algumas datas importantes comemoradas em 2008 podem render temas de questões. Em Literatura de Língua Portuguesa, convém estudar a obra de Cyro Martins e Guimarães Rosa, que estariam completando 100 anos de vida. Este também foi o ano do centenário de morte do notável escritor Machado de Assis. Outra boa dica

é revisar o Humanismo e a representatividade de Gil Vicente, autor de *A farsa de Inês Pereira*, assunto que não é motivo de questionamentos há algumas edições do vestibular.

Entre os fatos importantes de História Contemporânea, podem figurar os 20 anos da última Constituição brasileira. A prova de Geografia poderá ter a camada de pré-sal como mote. Em Biologia, é bom revisar a matéria Evolução, pois em 2009 será celebrado o "Ano de Darwin", em função do bicentenário de nascimento do naturalista inglês e dos 150 anos da publicação de sua obra *A origem das espécies*. Os próximos 365 dias também serão de intensas programações em Astronomia, sendo essa a sugestão de estudo para a prova de Física.

Mais informações sobre o concurso em www.vestibular.ufrgs.br ou pelos telefones da Comissão Permanente de Seleção (Coperse): 3308-5906 e 3308-5978.

Dia da doação Comunidade festeja contribuições ao Patrimônio

Desde 2000, a Secretaria do Patrimônio Histórico promove no mês de dezembro o Dia da Doação, quando a administração central da Universidade recebe pessoas da comunidade, representantes de empresas e entidades identificadas com a preservação do patrimônio para divulgar as ações já desenvolvidas em prol dos prédios históricos e facilitar a participação de todos os interessados. O secretário do Patrimônio Histórico, André Luís Martiniowski, lembra que este é somente um dia de celebração, mas que as doações podem ser feitas sempre. "É importante ter um evento para lembrar que o Patrimônio Histórico depende de doações." O professor

conclui que o objetivo de estabelecer uma data simbólica para marcar a questão da doação foi alcançado. Realizada em 8 de dezembro, a contribuição de 2008 por pessoas físicas cresceu cerca de 60% em comparação a do ano passado. Ex-alunos e ex-funcionários, com uma ligação sentimental com a instituição, são os principais doadores, em um movimento de consciência do que a Universidade lhes oportunizou e de retribuição por essa formação. Martiniowski afirmou que o saldo foi mais que positivo e que o projeto de restauração da UFRGS tem o reconhecimento de órgãos estaduais e federais de patrimônio.

O ex-reitor José Carlos Hennemann colaborou com a campanha



CADINHO ANDRADE/JU

Falecimento Morre ex-reitor Tuiskon Dick



Faleceu no dia 8 deste mês, aos 81 anos, o professor Tuiskon Dick, que exerceu o cargo de reitor da UFRGS no período de 26 de março de 1990 a 31 de agosto de 1992. Entre outras funções, o professor Dick foi diretor do Instituto de Biociências, membro da Comissão Interministerial Minter-MEC das Estações Ecológicas Brasileiras e criador da Estação Ecológica do Taim, bem como do Centro de Ecologia da UFRGS. Representante da SESU/MEC na elaboração do estudo sobre Política de Ciência e Tecnologia (MCT-BID) e membro do Conselho Superior da Capes, o ex-reitor recebeu a Grã-Cruz da Ordem Nacional do Mérito Científico em 2000.

Investimento UFRGS conquista mais recursos para pesquisas

O vice-reitor da UFRGS, Rui Oppermann, representou a Universidade no lançamento do Programa de Institutos Nacionais de Ciência e Tecnologia (INCT), realizado em 27 de novembro. A solenidade ocorreu na sede do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq) e a divulgação foi feita por Sérgio Rezende, ministro da Ciência e Tecnologia, e por Marco Antônio Zago, presidente do CNPq. Serão liberados R\$ 520 milhões para os projetos selecionados, dentre os quais, oito são do Rio Grande do Sul, sendo cinco da UFRGS: Criosfera, Avaliação de Tecnologias em Saúde, Hormônios e Saúde da Mulher, Excitotoxicidade e Neuroproteção, e Translacional em Medicina. Também foram selecionados os projetos dos Institutos Nacionais de Ciência e Tecnologia: em Genética Médica Populacional (HCPA), em Toxicologia Aquática (Furg) e em Tuberculose (PUCRS). As propostas aprovadas receberão financiamento por até cinco anos e os recursos para os três primeiros anos já estão garantidos.

Cooperação Universidade passa a integrar Grupo Coimbra

A UFRGS é uma das fundadoras do Grupo Coimbra de Universidades Brasileiras. A solenidade de criação do grupo e a primeira Assembleia Geral foram realizadas nos dias 27 e 28 de novembro na Universidade de Coimbra, em Portugal, com a presença do reitor Carlos Alexandre Netto. Entre os objetivos do conglomerado está a criação de ligações culturais e acadêmicas pela internacionalização de estudos e a realização de projetos conjuntos de pesquisa. Integram o grupo 49 universidades federais, estaduais e confessionais. De 8 a 10 de dezembro, cinco pesquisadores da Universidade de Leiden, da Holanda, também do Grupo Coimbra, visitaram a UFRGS. O motivo do encontro foi estender o intercâmbio já existente na área das Ciências Humanas para as Ciências Exatas, conforme explica a coordenadora do grupo holandês, Marianne Wiesebron: "É o início de uma cooperação estrutural". Em 2009, está prevista a ida de pesquisadores brasileiros a Leiden para dar continuidade à troca de informações quanto às linhas de pesquisa e à estrutura laboratorial daquela universidade.

Antártida Pesquisadores em expedição nacional no continente gelado

Professores da UFRGS, pesquisadores do Programa Antártico Brasileiro (Proantar), lideram a primeira expedição científica nacional ao interior daquele continente, que partiu em 19 de novembro. Francisco Eliseu Aquino, Jefferson Simões, Rosa Maria Vieira e Ulisses Franz Bremer, do Núcleo de Pesquisas Antárticas e Climáticas (Nupac) do Instituto de Geociências, irão permanecer na Antártida por 40 dias. Chamada de "Deserto de Cristal", a missão explorará cientificamente o interior do pólo austral, que tem papel fundamental nas mudanças climáticas mundiais. A expedição é financiada pelo CNPq e pela Secretaria da Comissão Interministerial para os Recursos do Mar.



ULISSES BREMER

Saúde do adulto Projeto pioneiro no HCPA cadastra voluntários

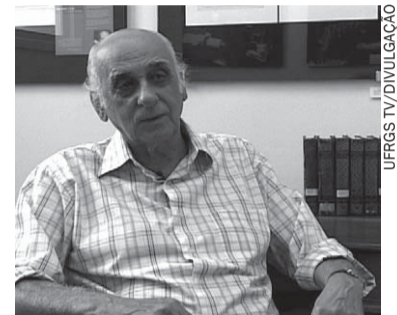
Teve início em novembro o Estudo Longitudinal de Saúde do Adulto – ELSA Brasil, a maior pesquisa com financiamento público sobre os fatores determinantes do diabetes e da hipertensão arterial da América Latina. O estudo tem por objetivo conhecer os fatores que interferem no aparecimento dessas doenças e propiciar a criação de políticas públicas adequadas para prevenção, diagnóstico e tratamento. O projeto acontece em mais cinco instituições de ensino e pesquisa do país, e no Rio Grande do Sul irá selecionar cerca de 2 mil voluntários, servidores ativos e aposentados da UFRGS e do HCPA, com idades entre 35 e 74 anos, de todas as categorias funcionais.



UFRGS TV

Multiponto Especial analisa as leituras do Vestibular 2009

Redação UFRGS TV



UFRGS TV/DIVULGAÇÃO

O prazer da leitura de grandes obras literárias na visão de quem escreve: esse é o princípio do qual parte o programa Multiponto do mês de dezembro. Escritores como Moacyr Scliar, Ernani Ssô, Cláudia Tajés e Fabrício Carpinejar falam de algumas das mais de doze obras indicadas para o Concurso Vestibular 2009. Eles relatam experiências resultantes do contato com livros e autores que marcaram a suas vidas.

Moacyr Scliar, admirador da obra de Luiz Antonio de Assis Brasil, destaca a importância de um livro como *Concerto Campestre*: "Questões como a paixão são vistas de uma maneira muito original, que fascina o leitor".

Já o jornalista e escritor Zuenir Ventura (foto) relata o quanto prazeroso foi poder conviver com Manuel Bandeira, de quem foi aluno: "Ele tinha um pigarro herdado da tuberculose, então não era uma pessoa assim exuberante, como fala, como voz. Mas já era considerado um dos maiores poetas da língua portuguesa. A gente lia os poemas dele e depois ia assistir às aulas. Foi um privilégio".

Além da análise das obras escolhidas para o processo seletivo de 2009, o programa discute a importância da literatura como manifestação artística e cultural, além da sua natureza sociológica. "Toda literatura é social porque ela se dirige a alguém, trata de diferentes assuntos", diz Donald Schüler, escritor e professor emérito da UFRGS. "É sobre as nossas preocupações, que mudam de tempos em tempos, que os livros vão tratar. Eles são fundamentais para refletir sobre a nossa realidade local, sobre a realidade do mundo."

Antônio Marcos Sanseverino, professor do Instituto de Letras, destaca o quanto a literatura pode contribuir para a humanização das pessoas: "Ela propicia uma possibilidade de organização de experiências que outras formas não permitem. Quem não lê pode estar perdendo um importante aspecto da sua dimensão humana".

Assista aos programas

O programa *Multiponto* sobre as leituras do vestibular de 2009, dividido em duas partes, será exibido às quintas-feiras do mês de dezembro, a partir das 21h30min, pela UNITV, canal 15 da NET P0A, com reprise especial nos dias 1º e 2º de janeiro de 2009.



A vez do magistério público

Nalú Farenzena *

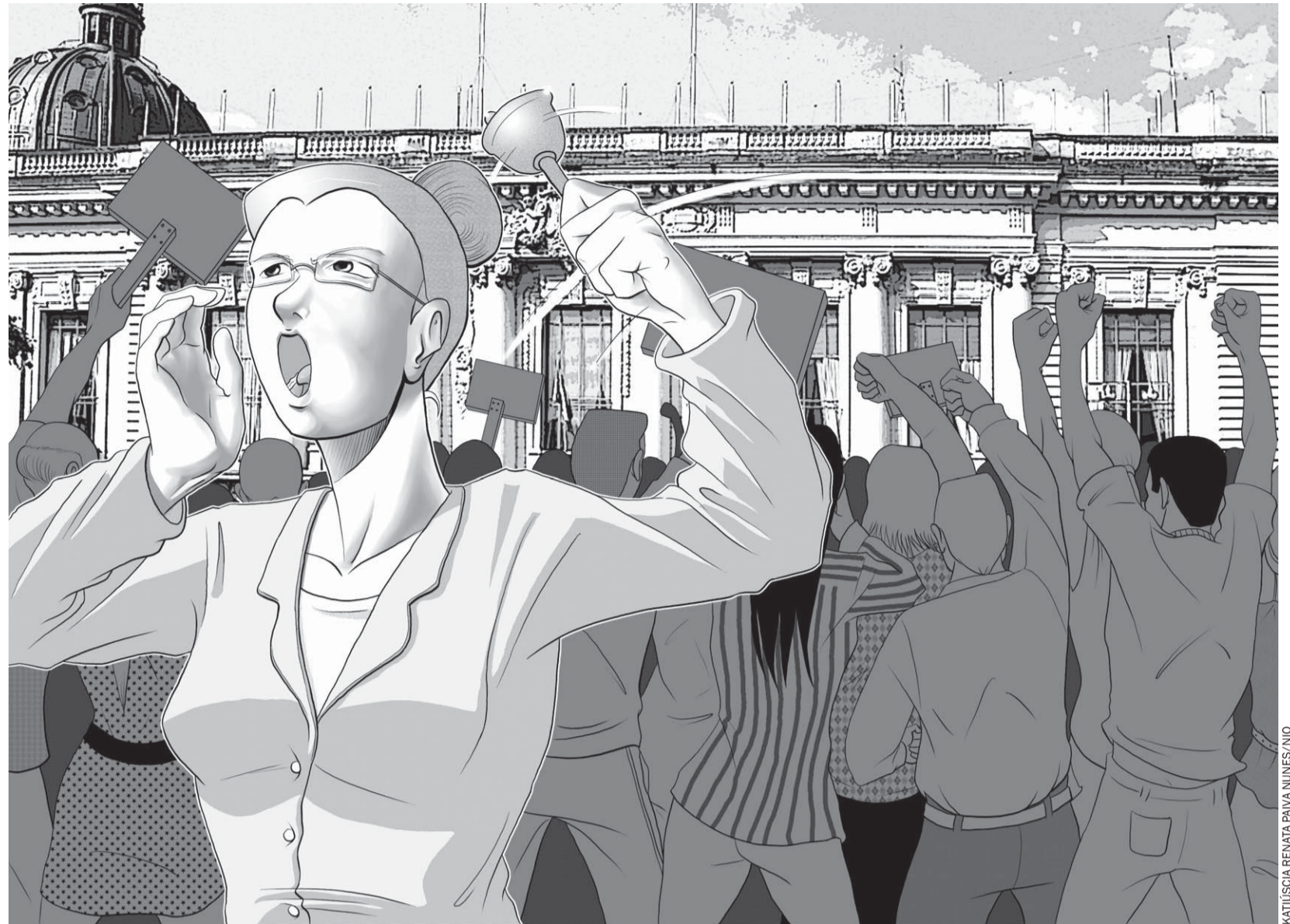
Em agosto deste ano, abordei com uma turma de graduação o tema do piso salarial profissional nacional do magistério público (PSPN), considerando que a Lei 11.738/08, que o instituiu, fora recém-editada. Uma estudante da turma, professora da rede estadual de ensino gaúcha, declarou: “Ah! Agora chegou a nossa vez!”. A afirmação foi contundente, emocionada e explicitou a valorização da medida, assim como denota uma espera e uma esperança. Para falar dessa espera, fiquemos com a história mais recente.

Em 1994, no âmbito da “Educação para Todos”, no Brasil, foram firmados o “Acordo Nacional de Educação para Todos” e o “Pacto pela Valorização do Magistério e Qualidade da Educação”, ambos prevendo um piso salarial de 300 reais de início de carreira para o professor com nível médio e regime de 40 horas semanais de trabalho. As medidas, que constituiriam requisito para uma educação de qualidade, integravam as propostas de profissionalização da categoria.

Nos anos seguintes, o piso saiu da agenda governamental, sendo genericamente sugerida uma correspondência entre o salário médio do magistério e o custo médio por aluno de cada rede de ensino.

Em dezembro de 2006, a Emenda Nº 53 à Constituição da República criou o Fundo de Manutenção e Desenvolvimento da Educação Básica e de Valorização dos Profissionais da Educação (Fundeb). No mesmo artigo que trata desse fundo, ficou determinado que deveria ser estipulado um prazo para que uma lei específica viesse a fixar o piso nacional para o magistério – prazo este que acabou sendo definido para 31 de agosto de 2007. Quase um ano depois, a Lei Nº 11.738/08 instituiu o PSPN do magistério. O Projeto de Lei do Executivo foi apresentado à Câmara Federal em abril de 2007, tendo recebido 114 emendas, além de ser apensado a um PL de mesmo teor que tramitava no Congresso desde 2004. Ou seja, a proposição mais recente de um piso do magistério não é surpreendente e foi apreciada com o devido debate e seriedade.

Em valores monetários atualizados, os 300 reais de 1994 seriam hoje R\$ 1.169,00. E o valor vigente? A Lei 11.738/08 fixou um piso de referência: 950 reais mensais para profissionais com nível médio e 40 horas semanais. O PSPN é definido como o valor abaixo do qual os executivos não podem fixar o *vencimento inicial* das carreiras do magistério. É claro, em



KATIUSCIA RENATA PAVIA NUNES/INQ

outras jornadas semanais de trabalho os vencimentos iniciais devem ser proporcionais ao piso de referência. Outro preceito essencial é o de que a jornada de trabalho tenha, no máximo, 2/3 de tempo para atividades de interação com os educandos; dito de outro modo, 1/3 da carga horária dos professores deve destinar-se à chamada “hora-atividade”, que compreende, por exemplo, planejamento de aulas e avaliação de atividades dos estudantes. A Lei prescreve a integralização do pagamento do piso em janeiro de 2010, com regras de transição para 2009: o acréscimo de pelo menos 2/3 da diferença entre vencimentos vigentes e os R\$ 950 (com a devida correção); a admissão de cômputo de vantagens pecuniárias. Para a integralização, é prevista uma complementação da União para estados ou municípios que não tenham recursos próprios suficientes para pagar o piso, de acordo com certas regras.

Em outubro de 2008, governadores de cinco estados (RS, MS, PR, SC e CE) ajuizaram Ação Direta de Inconstitucionalidade (ADI) a dispositivos da Lei. No Rio Grande do Sul, o Poder Executivo apresentou à Assembleia Legislativa um Projeto de Lei tratando do piso do magistério público estadual. Em síntese, a proposta estabelece um “piso” de 950 reais para 40h/semana, incluindo vantagens pecuniárias;

A proposição mais recente de um piso nacional para o magistério não é surpreendente e foi apreciada com o devido debate e seriedade

as; não menciona a composição da jornada semanal dos docentes (hora-aula e hora-atividade). De fato, o projeto dispõe sobre o “piso” de acordo com o que, em essência, é argüido na ADI: desvincula *piso salarial de vencimento inicial*; não acata a composição da jornada docente. Para 20 horas semanais, que é o regime de trabalho mais comum do magistério estadual, o “piso” ficaria reduzido à metade: R\$ 475,00, sendo que o vencimento inicial vigente é de R\$ 288,60 – e é sobre esse valor que incidem os percentuais de aumento da remuneração para promoções e progressões na carreira, assim como as gratificações. O subterfúgio

é, então, manter um vencimento inicial rebaixado e conceituar piso como remuneração mínima, incluindo vantagens pecuniárias e complementações salariais.

Em 2007, o gasto em educação do governo estadual correspondeu a 30,2% da receita líquida de impostos e transferências; pelo previsto nos orçamentos para 2008 e 2009, essa proporção será ainda menor. A Constituição Estadual determina um gasto de 35% da receita líquida de impostos na educação. No ano passado, a não-aplicação desse percentual resultou em torno de 560 milhões a menos, devendo atingir valores superiores a um bilhão a menos em 2008.

Como diz Luiz Araújo, a recente greve do magistério estadual gaúcho é a primeira pelo piso salarial – pelo piso como vencimento inicial e pela observância das horas-atividade. Uma greve ainda mais justa diante do descumprimento do nível de gasto em educação. Reivindicações históricas estão em pauta e o movimento de valorização do magistério tem agora um instrumento que lhe dá mais respaldo para dizer que “chegou a nossa vez!”.

* Professora do Departamento de Estudos Especializados da Faculdade de Educação, UFRGS

Por que fundações estaduais de amparo à pesquisa?

Francisco M. Salzano *

A resposta à pergunta do título pode ser subdividida como segue: (a) o Brasil é um país de proporções continentais – o que seria importante para uma região não necessariamente o é para outra. Isso é verdadeiro não só para problemas acadêmicos (no Centro-Oeste é mais lógico se estudar a biodiversidade do cerrado; na Amazônia, a Floresta Amazônica) como para os aplicados (a inovação tecnológica que interessa à Região Sul pode não ser prioridade para o Nordeste); (b) uma fundação tem agilidade administrativa inexistente no serviço público estatal; (c) a instituição deve estar livre das marchas e contramarchas da política. Embora vinculada à Secretaria de Ciência e Tecnologia, seu corpo dirigente deve ser eminentemente técnico, e suas decisões, baseadas inteiramente no mérito.

Com isso em mente, um grupo de cientistas gaúchos vinculados a uma instituição que já desapareceu, a Associação dos Pesquisadores do Rio Grande do Sul, começou, no início dos anos 60, a procurar a Assembleia Legislativa para a aprovação de um Projeto de Lei em muitos pontos similar ao que criara a Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São

À medida que passam os anos, admiro cada vez mais a incapacidade de certos políticos de entender o óbvio

Paulo (Fapesp), para o surgimento de uma entidade equivalente em nosso estado. Depois de pelo menos dois anos de mobilização, a Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado do Rio Grande do Sul (Fapergs) foi criada pela Lei nº 4.920 de 31 de dezembro de 1964. Era a segunda a ser fundada no país.

O início foi difícil, mas aos poucos a Fundação começou a apoiar a comunidade dos pesquisadores gaúchos. Em 3 de outubro de 1989, a Constituição Estadual (Artigo 236) estabeleceu que a Fapergs deveria receber 1,5% da renda líquida de impostos do estado, e a Lei Complementar nº 9.103, de 8 de julho de 1990, regulamentou essa disposição, determinando

que o repasse ao órgão de fomento deveria ocorrer por transferência mensal do Tesouro em duodécimos.

Se um cidadão comum ignora ou infringe uma lei, o que acontece com ele? Se for descoberto, vai para a cadeia. No entanto, nenhum dos governos estaduais que se sucederam nos últimos 18 anos cumpriu os textos da Constituição de 1989 e da Lei Complementar de 1990. Em todo caso, houve repasse mais ou menos irregular de frações do valor devido, as quais, no entanto, nunca ultrapassaram os 30%. A crise de funcionamento da Fapergs tornou-se, porém, mais aguda este ano, pois ela está acéfala desde fevereiro e praticamente sem recursos.

O que não entendo é como uma ex-professora e dirigente da UFRGS, especializada em Economia (setor que é particularmente dependente, no mundo moderno, da ciência e tecnologia), ignora solenemente a Fapergs. E mais, após garantir aumento de salário para si e para seu secretariado, posiciona-se contrariamente ao dispositivo federal destinado a melhorar os salários sabidamente irrisórios dos professores dos ensinos fundamental e médio. Não é ne-

cessário esclarecer que o piso salarial proposto e os concomitantes benefícios sociais a ele vinculados constituem-se um passo inicial sem dúvida necessário para uma melhoria, pelo menos em médio prazo, da qualidade do ensino nesses níveis; e isto é também indispensável para qualquer nação que tenha como meta posicionar-se entre as mais desenvolvidas do mundo. Realmente, à medida que passam os anos, admiro cada vez mais a incapacidade de certos políticos de entender o óbvio.

* Professor Emérito do Departamento de Genética do Instituto de Biociências, UFRGS

ERRATA

O autor do texto “As eleições e as pesquisas” publicado na página 4 da edição nº 112 (outubro) é Tarson Núñez, mestrando do Programa de Pós-graduação em Ciência Política da UFRGS.



Pontal da polêmica



FLÁVIO DUTRA / PROJETO CONTATO

Urbanismo

Megaprojeto na orla do Guaíba preocupa pesquisadores e ambientalistas

Abandonado e esquecido há 20 anos às margens do Guaíba, o terreno do antigo Estaleiro Só ganhou o centro das atenções nos últimos meses em Porto Alegre. Localizado no bairro Cristal, entre a Avenida Padre Cacique e o Guaíba, na região do Pontal do Melo, o terreno tem uma polêmica proposta de revitalização. Trata-se de um complexo arquitetônico que pretende remodelar o regime urbanístico da região. Desde abril, o projeto denominado Pontal do Estaleiro tramitava na Câmara Municipal em busca de uma modificação na legislação que possibilitasse a sua execução. Depois de várias tentativas de votação, a aprovação veio no dia 12 de novembro, por 20 votos a favor e 14 contra, com duas abstenções, em uma sessão tumultuada, acompanhada por manifestantes favoráveis e contrários ao projeto. Encaminhado ao Executivo, o projeto acabou sendo vetado pelo prefeito José Fogaça, que afirmou a necessidade de promover-se uma consulta à população sobre tema tão relevante para a cidade. Fogaça sugeriu um referendo popular a ser realizado em 2010, juntamente com as eleições.

A possível construção de prédios residenciais na região divide a cidade. A idéia inquieta ambientalistas, arquitetos, geógrafos e entidades preocupadas com os impactos da construção. Do lado oposto, empresários e representantes da construção civil clamam pelo desenvolvimento que o projeto traria para a cidade.

O projeto - Arquitetado por Jorge Debiagi, do escritório Debiagi Arquitetos e Urbanistas, em parceria com a BM Par Empreendimentos, o projeto prevê a construção de um complexo arquitetônico de 60 mil metros quadrados, composto de seis prédios: quatro residenciais, uma torre comercial e outra torre de flats. Inicialmente, as edificações teriam 43 metros de altura, o equivalente a 14 andares cada uma, e ficariam a uma distância mínima de 60 metros do Guaíba. Ainda haveria espaços reservados para lojas, bares, restaurantes, um espaço cultural, com a instalação do Museu Estaleiro Só, e uma área pública destinada à abertura de uma rua, com ciclovia e calçadão, para uso geral da população, além de uma marina, também pública.

Por muito tempo, não houve interesse na

compra do terreno. Pela Lei Complementar ao Plano Diretor de Desenvolvimento Urbano, as obras devem ser adequadas à preservação e restauração da orla em termos paisagísticos e ambientais, atendendo ao interesse cultural e turístico da cidade. Construções residenciais, como as previstas pelo Pontal do Estaleiro, estavam proibidas. Na sessão do dia 12 de novembro, essa lei foi modificada, permitindo a construção de prédios residenciais, desde que respeitados alguns limites. Em 2005, o terreno foi leiloado e arrematado por R\$ 7,2 milhões pela empresa BM Par Empreendimentos.

Impactos - Segundo ambientalistas e entidades defensoras do meio ambiente, a aprovação do projeto poderá abrir um precedente que derubará toda a legislação ambiental para a orla e possibilitará construções em outras partes, o que transformaria a beira do Guaíba em um imenso muro de prédios. “Essas construções formarão uma barreira artificial que irá modificar a circulação dos ventos da região e a incidência da luz do sol”, argumenta Edi Fonseca, presidente da Associação Gaúcha de Proteção ao Ambiente Natural (Agapan). Para ela, a construção de prédios residenciais e comerciais descaracterizará a orla – um espaço de lazer, recreação, turismo e cultura que deve ser pensado como um todo. O Fórum Municipal das Entidades, responsável por analisar e discutir o Plano Diretor, também se manifesta contrariamente ao Pontal do Estaleiro. O representante Paulo Guarnieri acredita que “essa nova lógica certamente contaminará a revisão do Plano Diretor em 2009, pois a essência da democracia é a igualdade de direitos. Se um investidor obtiver a autorização legal para construir prédios na orla, o que impedirá que os outros igualmente a obtenham?”. Edi afirma ainda que os únicos beneficiados com o projeto serão os empresários da construção civil e os poucos privilegiados que poderão usufruir desse espaço. “Quem perde é a população, que deixa de ter esse espaço público revitalizado pelo poder público municipal”, conclui.

Na opinião do geógrafo e coordenador do curso de graduação em Geografia da UFRGS, Nelson Gruber, a falta de estudos sobre os prováveis impactos ambientais das construções na orla não está sendo considerada. “O julgamento dessas questões teria de vir de estudos que os empreendedores deveriam fazer ou, pelo menos, considerar. Onde estão esses estudos? Não existem. Querem que depois alguém faça um projeto para limpar tudo.” Ele defende que projetos de interesse público como esse precisam ser decididos em conjunto com a sociedade e ainda levanta a possibilidade de rompimento do caráter público regulamentado em lei para o terreno. “A orla está suja, abandonada e sem segurança. Mas aqui seremos privados, nada

impede que se feche a área de acesso por questões de segurança do empreendimento.”

Suas afirmações são endossadas pelo urbanista Décio Rigatti, professor do Departamento de Arquitetura e Urbanismo da UFRGS. Na avaliação de Rigatti, os princípios do planejamento urbano estão sendo desconsiderados. “Creio que ser favorável ou contrário significa o resultado de um julgamento baseado em uma análise de informações amplas, que possam amparar essa resposta. Não se trata apenas de ser bonito ou feio, mas do que isso representa enquanto impacto urbanístico.” Conforme o professor, os dados divulgados maquiavam a realidade, como o número de empregos a serem gerados e imagens do projeto, enquanto as questões técnicas sobre o impacto urbanístico não estão sendo discutidas. “Mais uma vez assistimos àquilo em que se transformou o planejamento urbano em Porto Alegre: uma prova de que inexistia qualquer planejamento. Cada proposta é examinada a partir de critérios que não levam em consideração nem aspectos técnicos, nem o conjunto da cidade, nem o interesse geral da população, e as decisões sobre os projetos de grande impacto reduzem-se a interesses econômicos”, diz ele. Também se manifestaram contrários ao projeto, por meio de notas em seus sites, o Instituto dos Arquitetos do Brasil – seção RS, o Sindicato dos Engenheiros do Rio Grande do Sul e a Associação dos Geógrafos Brasileiros – seção Porto Alegre.

Benefícios - No lado oposto do debate, os defensores do projeto sustentam que ele trará benefícios à população – que terá acesso permanente e com segurança a uma área que estava ociosa e causando problemas aos moradores da região por servir de refúgio a marginais e trafi-

cantes – além de gerar empregos diretos e indiretos e ampliar a arrecadação de impostos da prefeitura. “A construção que ali for realizada, seja ela qual for, vai gerar empregos e impostos e dar utilidade a um espaço físico hoje abandonado. E há um compromisso formal dos empreendedores de tornar pública cerca de 40% da área”, explica o vereador João Carlos Nedel (PP), responsável por um dos 20 votos favoráveis que aprovaram o projeto de lei na Câmara. Ele acredita que o embelezamento do local, juntamente com sua proximidade ao lago Guaíba, transformará o Pontal em um empreendimento gerador de recursos e também em mais um ponto de atração turística para Porto Alegre.

João Carlos Nedel afirma que a polêmica em torno do assunto é desnecessária e motivada por má informação, visto que ainda não há um projeto arquitetônico que possa ser avaliado, e sim um pré-estudo. “O projeto arquitetônico, depois de elaborado, irá tramitar novamente por todos os setores da administração municipal para avaliação e aperfeiçoamento. Aí sim, e só então, haverá um projeto que será analisado pela prefeitura e que poderá, assim, ser aprovado ou rejeitado”, esclarece. Quanto ao argumento de privatização da orla, o vereador rebate: “O curioso de tudo isso é que, se o empreendedor desejasse ali construir apenas imóveis comerciais, poderia fazê-lo sem limite de altura, e ninguém poderia opor-se, pois a Lei 470, aprovada pela administração anterior e agora modificada, assim o permitia”. Após o veto do prefeito, a reportagem procurou os empresários idealizadores do projeto, que decidiram não se manifestar.

Pedro Cassel, estudante do 3º semestre de Jornalismo da Fabco

Emendas aprovadas modificam o projeto

Com o projeto, foram aprovadas pela Câmara sete emendas que sugerem modificações. Pretendia-se aumentar o índice construtivo de 1 para 1,5. Esse índice determina a área de um terreno que pode ser destinada à construção, excluindo as áreas reservadas para locais públicos. No caso do projeto do Pontal, o aumento do índice para 1,5 permitiria a construção de 54 mil metros quadrados de área privativa. Com a aprovação de emenda do vereador Luiz Braz (PSDB), eliminou-se essa possibilidade. Com isso, a área privativa terá de ser reduzida para cerca de 40 mil metros quadrados.

Outra emenda, de autoria do Professor Garcia (PMDB), fez com que o projeto não

estabelecesse limite de altura para a área. Estava previsto que a altura máxima das construções na região seria de 43 metros, o equivalente a aproximadamente 14 andares. Agora, espera-se o resultado do Estudo de Viabilidade Urbanística (EUV) por parte da prefeitura, o que significa que a altura máxima ainda não está definida. A retirada do parágrafo 7, previsto na mesma emenda, contudo, ficou prejudicada pela aprovação anterior de uma emenda do Dr. Goulart (PTB), que considerou viável a localização de edificações residenciais no local, desde que protegidas de eventuais cheias do Guaíba. Ainda não foi resolvido que alterações serão feitas para adequar o projeto às emendas.

Universidade ganha repositório digital

Tecnologia

Biblioteca Central e CPD ampliam a visibilidade do que é produzido na UFRGS

Jacira Cabral da Silveira

Será lançado oficialmente no primeiro semestre de 2009 o projeto Lume, Repositório Digital da UFRGS, trabalho desenvolvido em parceria entre a Biblioteca Central e o Centro de Processamentos de Dados (CPD). A escolha do nome tem a ver com a idéia de lançar luz sobre os documentos acadêmicos, científicos, artísticos e administrativos gerados na instituição. “A tecnologia da informação tem um papel estratégico na UFRGS, não apenas como possibilidade de expansão dos serviços bibliotecários e instrumento fundamental para o ensino presencial e a distância, mas também como fonte de indicadores gerenciais e de integração com outros repositórios de ensino e pesquisa no país”, comenta Janise Silva Borges da Costa, bibliotecária e uma das integrantes do projeto. Segundo ela, a grande quantidade de conhecimento produzido nas universidades faz com que seja necessário, além da sua difusão e uso, a sua preservação, por isso a importância de projetos como este.

No caso da UFRGS, o repositório surgiu com a Biblioteca Digital de Teses e Dissertações, criada em 2001 com o objetivo de disponibilizar na web os trabalhos produzidos por professores e técnicos vinculados à Universidade, defendidos aqui ou em outras instituições de ensino superior. Desde o início, o CPD foi parceiro no projeto, conforme explica Zaida Horowitz, analista de sistemas do Centro: “A idéia surgiu a partir da necessidade de ampliar a Biblioteca com outros tipos de documentos e objetos digitais, dando assim ampla visibilidade à produção intelectual da instituição. Hoje, o projeto Lume é uma grande ferramenta voltada para repositórios digitais, com toda uma cultura de arquivos abertos, de inter-relacionamento, de interoperabilidade e de uma série de conceitos novos que facilitam muito

o acesso à informação”.

Atualmente, além dos dados da Biblioteca Digital, o Lume contém metadados (dados que descrevem o documento: autor, título, etc.) e documentos digitais oriundos da coleta automática de outros sistemas, permitindo a integração de diferen-

A tecnologia da informação tem um papel estratégico na integração com outras instituições do país

tes processos de depósito necessários a um sistema multidisciplinar. Um deles é o sistema Museu, que contém o acervo de fotos do Museu da Universidade e o acervo histórico da Escola de Educação Física da UFRGS. As informações encontram-se num banco de dados SQL Server - servidor Windows, e os documentos digitais, em outro servidor Windows. O link desses documentos digitais é feito com o uso do programa Samb. O outro sistema é o já conhecido Sistema de Automação de Bibliotecas (SABi), que utiliza o programa Aleph500, capaz de gerenciar as atividades e serviços oferecidos pelas bibliotecas à comunidade usuária. As informações do sistema estão armazenadas num banco de dados Oracle, numa máquina Linux, em que também se encontram os documentos digitais.

Autorias - Segundo Janise, há todo um acervo retrospectivo que está sen-

do resgatado pela equipe das bibliotecas. “É um processo mais lento”, comenta a bibliotecária, “pois compreende procedimentos como buscar a autorização dos autores dos textos que, muitas vezes, são resistentes à idéia de disponibilizar seus trabalhos na Internet.” Com algumas exceções, há documentos de acesso restrito, a pedido do autor, podendo ser acessados via número do cartão UFRGS. A bibliotecária acha importante salientar a questão do risco de plágio. “As pessoas se preocupam em disponibilizar seus trabalhos com medo de cópia.” Mas Janise diz verificar-se justamente o contrário com os trabalhos publicados na Internet: “Uma vez que se dá essa ampla visibilidade e os autores têm um registro público de que o trabalho é de sua autoria, isso lhes garante os direitos autorais”.

Zaida comenta que já existem outras experiências de repositórios digitais no Brasil, principalmente de teses e dissertações. Nesse aspecto, entre as instituições de ensino superior, o acervo da UFRGS é o maior, informa a analista. Hoje, são cerca de dez mil teses e dissertações armazenadas no Lume. Além disso, a navegação pelo repositório pode sugerir uma série de outras pesquisas, pois é possível obterem-se dados, como o número de acesso às diferentes áreas de conhecimento, a textos individuais, etc.

Para os autores, esse recurso é importante, pois permitirá que eles vejam quantos acessos e *downloads* foram feitos de seu trabalho, e qual o país de origem dos internautas. Entusiasmada, Janise afirma que, por meio desses dados, a Universidade

poderá investigar a difusão mundial de toda a produção intelectual desenvolvida na UFRGS. “É um retorno à sociedade do investimento que é feito aqui em matéria de ensino e pós-graduação”, prevê.

Janise lembra ainda que tudo o que está disponível no Lume já é acessado pelo Google, um motor de busca amplamente utilizado pelos internautas. “As informações do Lume foram indexadas no Google e, no momento em que a ferramenta começou a puxar as informações, o número de acessos aumentou”, observa Zaida. Essa consul-

Uma vez que os autores têm um registro público de seus trabalhos, isso lhes garante os direitos autorais

ta começou no início do ano, em janeiro, quando o sistema era ainda um projeto piloto, mas já estava acessível na rede. Em maio, de acordo com a analista, foi informado ao Google que os dados já estavam disponíveis para pesquisas. A partir daí, ampliaram-se as consultas.

Boas histórias - Embora recente,

o repositório já tem algumas histórias que comprovam sua interatividade e importância para a permanente alimentação do acervo, ou mesmo para o contato entre pessoas. Janise relata a mensagem de um professor aposentado da UFRGS que atualmente reside na cidade do Porto, em Portugal. Ele entrou em contato para oferecer fotos históricas para a comunidade da Escola de Educação Física. Como “encarregada oficial” de responder aos e-mails que chegam ao Lume, Janise constata que são os portugueses os mais curiosos nas demandas ao repositório. Outra história foi quando um internauta usou o e-mail do repositório para encontrar um ex-colega de aula, que não via há 15 anos. No entanto, Janise faz questão de salientar que o papel do endereço eletrônico do Lume é responder a questões relativas ao acesso ao repositório.

Durante este mês, o reitor Carlos Alexandre Netto nomeará o comitê gestor do Lume, formado por bibliotecários, técnicos do CPD e professores. Esse grupo definirá as diretrizes e a política para as próximas seleções de grupos a serem incluídos no repositório. Até agora, esse trabalho vinha sendo realizado pela equipe técnica, formada por quatro bibliotecárias e duas analistas de sistemas, responsáveis por viabilizar tecnicamente o projeto disponível no endereço www.lume.ufrgs.br. Alguns programas de pós-graduação já têm em suas páginas o link de acesso aos documentos do Lume.



Tecnicamente falando

O Repositório Digital da UFRGS utiliza o *software* livre DSpace Institutional Digital Repository System (DSpace, 2008), desenvolvido pelo Massachusetts Institute of Technology (MIT, EUA) em parceria com a Hewlett-Packard Company (HP, EUA). Na Universidade, o DSpace está instalado em um servidor Linux. O uso do programa permite estruturar a informação do repositório conforme a estrutura organizacional da instituição, de modo a identificar setores ou grupos de pesquisa sob a forma de comunidades, subcomunidades e coleções.

Para personalizar a interface gráfica do DSpace, tornando-a mais amigável, é empregado o programa Manakin (Digital Initiatives, 2005), desenvolvido pela Universidade do Texas A&M.

Para garantir o acesso permanente aos documentos digitais, independentemente de qualquer mudança de endereço do servidor, o Lume lança mão do Handle System, serviço fornecido pelo CNRI - Corporation for National Research Initiatives, que consiste em atribuir identificadores persistentes para cada documento digital, garantindo que, mesmo

que o endereço do servidor do repositório digital mude, os recursos possam continuar sendo referenciados univocamente. “Hoje isso ocorre muito na Internet: a pessoa acessa um documento por um endereço eletrônico e, quando vai retornar tempos depois, corre o risco de não voltar a vê-lo. Isso acontece porque foi usado um sistema que não tem as garantias do Handle System”, comenta a bibliotecária. O sistema e o banco de dados encontram-se em um equipamento HP Proliant ML370, com sistema operacional Linux Red Hat Enterprise.

WWW.LUME.UFRGS.BR

Bem-vindo ao Lume - Repositório Digital da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, portal de acesso que reúne os documentos digitais gerados em seu âmbito, visando a sua preservação e divulgação.

COMUNIDADES DISPONÍVEIS:

Acervo do Museu Universitário [469]
Acervo Histórico da Escola de Educação Física [320]
Teses e Dissertações [9.582]
Trabalhos de Conclusão de Curso de Especialização [429]
Trabalhos de Eventos [3.365]

Observação: os dados entre colchetes referem-se ao número de consultas.

Entenda o Reuni

Visando ampliar o acesso e a permanência na educação superior no Brasil, em 24 de abril de 2007, o governo federal instituiu por decreto o Programa de Apoio a Planos de Reestruturação e Expansão das Universidades Federais, mais conhecido pela sigla Reuni. A ação faz parte do Plano de Desenvolvimento da Educação (PDE), que tem como principal objetivo reunir esforços para a consolidação de uma política nacional de expansão da educação superior pública.

O projeto segue o modelo de metas, ou seja, as universidades apresentam um conjunto de propostas que, caso aprovadas, devem ser alcançadas ao fim de cinco anos. Conforme documento divulgado em agosto do ano passado pelo Ministério da Educação, o Reuni não exige a adoção de um modelo único para a graduação. As universidades possuem autonomia para, junto de suas unidades, elaborar projetos que, posteriormente, serão avaliados pelo MEC com base nas seguintes diretrizes: ampliação da oferta de educação pública, estruturação acadêmico-curricular, renovação pedagógica, mobilidade intra e interinstitucional, compromisso social e suporte da pós-graduação ao aperfeiçoamento qualitativo dos cursos de graduação.

Conforme Denise Dornelles, diretora do Departamento de Projetos de Cursos e Programas Especiais da Pró-reitoria de Graduação, os projetos apresentados pela Universidade foram aprovados na primeira etapa de seleção. Ela aponta que, das 28 unidades que compõem a UFRGS, 26 apresentaram propostas. Em 2008, primeiro ano do Reuni, além do aumento no número de vagas em alguns cursos preexistentes, foram abertas graduações em Museologia, Engenharia de Controle e Automação e Fonoaudiologia. Para 2010, as metas são ainda mais ambiciosas. Devem ser criadas em torno de dez novas formações, em sete Unidades. Dentre os novos cursos, estão: Engenharia Biomédica, Serviço Social, Formação de Docentes para o Ensino Agrotécnico e História da Arte e da Cultura.

Para a professora Marta Júlia Marques Lopes, hoje, a expansão no ensino superior público se faz muito necessária. "Quantos alunos trabalham durante o dia e estudam à noite, consumindo quase todo o seu salário com as mensalidades de universidades privadas, enquanto temos infra-estrutura enorme aguardando por reformas?", questiona. Nesse sentido, Lisete Azambuja Machado de Vargas afirma que o Reuni é uma boa iniciativa, uma vez que não só possibilita a expansão da Universidade como a sua democratização. Contudo, Vera Maria da Rocha argumenta que a política de educação superior deveria prever, desde o seu princípio, a ampliação das vagas e os recursos pertinentes para isso, em lugar de criar uma política especialmente para esse fim.

Universidade em expansão

Ensino superior

A UFRGS faz uso dos recursos do Reuni e abre três cursos em 2009



FOTOS FLAVIO DUTRA / PROJETO CONTINIO

Em janeiro, a UFRGS realizará seu vestibular, oferecendo três novas graduações: Dança, Fisioterapia e Análise de Políticas e Sistemas de Saúde. A implantação dos cursos foi possível em função do Reuni, programa do Ministério da Educação que fornece recursos para que universidades federais possam desenvolver projetos visando à ampliação de vagas e de áreas de ensino.

Vinculada à Escola de Educação Física (Esef), a criação de uma formação em Dança era uma intenção antiga da unidade. De acordo com Lisete Arnizaut Machado de Vargas, doutora em Dança e Educação pela Universidade de Barcelona e atual responsável pelo curso, a dança sempre foi trabalhada nos projetos de extensão da Esef. O diretor da Escola, Ricardo Petersen, buscou meios para desenvolver o plano do curso e, a partir daí, reuniu pessoas que pudessem contribuir para o seu desenvolvimento. Segundo Lise-

te, além dela, trabalharam no projeto político-pedagógico as professoras Mônica Dantas, Carmem Lenora Martins e Helena Alves D'Azevedo.

Tendo em vista os Parâmetros Curriculares Nacionais, ao tratar do ensino da arte dentro de suas quatro vertentes nas escolas – música, teatro, artes plásticas e dança –, a comissão que idealizou o curso determinou a criação de uma licenciatura. A intenção é formar um profissional preparado para atuar no ensino fundamental e médio, além de todas as outras possibilidades, como a produção de espetáculos. "No Brasil, muitas crianças têm acesso a atividades culturais apenas no meio escolar. Qualificando o ensino, estaremos qualificando a alfabetização estética, fundamental para a formação de cidadãos críticos e conscientes", explica a coordenadora.

Ligado igualmente à Esef, o curso de Fisioterapia também era uma proposta que há muito circulava pelos departamentos da UFRGS. Conforme Vera Maria da Rocha, doutoranda em Educação, mestre em Ciência do Movimento Humano e coordenadora temporária da nova graduação, antes de passar pela Escola de Educação Física, a proposta já havia transitado por algumas unidades da área da saúde. Na opinião da professora, a Esef teria sido escolhida não só pela aproximação das bases teóricas, mas também por sua capacidade de dar corpo ao projeto. Vera acrescenta que o plano do bacharelado, além de seguir as orientações do Ministério da Saúde e as Diretrizes Curriculares Nacionais para Fisioterapia, deve prezar pela responsabilidade social.

Por sua vez, a história da criação do curso de Análise de Políticas e Sistemas de Saúde, que será ministrado nas instalações da Faculdade de Farmácia, não foge à regra. Apesar de surgir dentro do âmbito do Reuni, a graduação também compunha, há alguns anos, a agenda de intenções da Universidade. A ideia para a criação de um bacharelado em Saúde Coletiva, revela Marta Júlia Marques Lopes, temporariamente responsável pela formação, foi inspirada no curso de Gestão em Saúde da Universidade Estadual do Rio Grande do Sul (UERGS), que teria levado a UFRGS a pensar em um projeto que capacitasse o planejamento, a avaliação e a gestão em saúde. No mesmo período, conta a também doutora em Sociologia pela Université de Paris, existia uma articulação nacional envolvendo cinco outras instituições federais (UFMG, UnB, UFRJ, UFRN e UFAC), que pretendiam desenvolver cursos na área. Marta esclarece que "a proposta da UFRGS é formar um profissional da saúde capacitado para exercer planejamento, avaliação e gestão da saúde, focado no Sistema Único de

Saúde e na integração entre o atendimento público e o privado".

Corpo docente e espaço físico – Com o estabelecimento do Reuni, surgiram dúvidas com relação à contratação de novos docentes e à capacidade do espaço físico das universidades. O medo era de que, com a medida, as instituições ficassem superlotadas e as contratações acontecessem de forma precária, prejudicando a qualidade do ensino.

A respeito do assunto, a diretora do Departamento de Projetos de Cursos e Programas Especiais da Pró-reitoria de Graduação da UFRGS, Denise Dornelles, diz que, ao elaborarem os projetos, as unidades consideraram suas limitações e o que poderia ser feito para saná-las. Ela ressalta ainda que, com os recursos do Reuni, a Universidade promoverá reformas para um melhor aproveitamento da sua estrutura, além do aumento do contingente de docentes.

Nesse sentido, Vera observa que o problema da carência de professores e salas de aula acontece em todas as instituições públicas de ensino superior. No entanto, lembra que, no caso da Fisioterapia, o curso possui uma grande interdisciplinaridade, dificultando a falta de docentes. Além disso, afirma que estão sendo cumpridas todas as previsões e que, ao final de 2011, doze novos professores devem estar contratados.

Lisete Arnizaut Machado de Vargas, coordenadora do curso de Dança, acrescenta que, "antes de fazer novas contratações, devemos priorizar o capital intelectual existente na Universidade". Por sua vez, Marta Júlia Marques Lopes acredita haver uma série de mitos com relação ao Reuni. "Quando elaboramos o projeto, detalhamos tudo que iríamos precisar, como, por exemplo, quatro assistentes-administrativos, um porteiro, um vigilante, duas serventes, um bibliotecário, seis bolsistas, além de 16 vagas para a contratação de docentes", relata.

A implantação dos cursos de Dança e Fisioterapia no Campus Olímpico permitirá, nos próximos anos, a criação do Instituto do Movimento Humano. Unindo as novas graduações à Educação Física, o prédio deve comportar um departamento único para os três cursos. O propósito é criar maior mobilidade entre os professores, uma vez que se trata de áreas afins. Em função da graduação em Análise de Políticas e Sistemas de Saúde, a Faculdade de Farmácia também deverá receber um prédio novo.

Paula Vieira, estudante do 4º semestre de Jornalismo da Fabico

Como estão estruturadas as novas formações

DANÇA – O curso é uma licenciatura com duração mínima de quatro anos. As aulas serão ministradas nos turnos da tarde e da noite. Serão oferecidas 30 vagas com ingresso único em março. Faz parte da seleção uma prova específica. Sua densidade, no Vestibular 2009, atingiu 7,73 candidatos por vaga.

FISIOTERAPIA – Com duração mínima de oito semestres e meio, a procura pelo bacharelado em Fisioterapia foi grande. Sua densidade alcançou 21,60. Assim como no caso da Dança, serão oferecidas 30 vagas, com entrada anual em março. As aulas ocuparão o período integral.

ANÁLISE DE POLÍTICAS DE SISTEMAS DE SAÚDE – Apesar do nome um tanto complicado, o curso trata-se de um bacharelado em Saúde Coletiva, com duração mínima de quatro anos e aulas à noite. Estão sendo oferecidas 60 vagas, com duas entradas anuais: a primeira em março e a segunda em agosto. A busca pela nova graduação neste vestibular foi baixa – a densidade ficou em torno de 1,98 candidatos por vaga. Segundo a professora Marta Júlia Lopes, isso se deveu ao pouco tempo que a UFRGS teve para divulgar a abertura do curso.



Especial

Política

Professores da UFRGS recordam as duras lições dos expurgos de 1964 e 1968

TEXTO ÂNIA CHALA

Este mês assinala o aniversário da promulgação do Ato Institucional Nº 5. Sua edição, em 13 de dezembro de 1968, foi o coroamento do ciclo repressivo que se abateu sobre o Brasil, levando o país a um retrocesso político sem precedentes. Censura à imprensa, partidos amordaçados e perseguição aos que se opuseram ao regime foram os meios utilizados pelos militares para se perpetuarem no poder. Nesse contexto, as universidades enfrentaram um período de cassações de professores e técnicos, e de expulsão de alunos em nome da eliminação dos focos de contestação.

A UFRGS foi protagonista dessa história e com um triste recorde: ao noticiar a primeira leva dos expurgos de professores em 1964, a imprensa da época registrou que a Universidade havia sido a instituição mais atingida pelos “elementos subversivos”. Nada menos de 17 professores foram aposentados, exonerados ou dispensados. Em 1969, houve um novo ciclo de cassações, atingindo dessa vez 20 professores.

Essas perseguições só seriam analisadas em seu conjunto no livro *Universidade e repressão – Os expurgos na UFRGS*, lançado em 28 de agosto de 1979 pela recém-criada Associação de Docentes da UFRGS (Adufrgs). Inspirados no *Livro negro da USP* – obra que denunciou as arbitrariedades cometidas na instituição paulista e em outras universidades do país –, professores ligados à diretoria da Adufrgs organizaram-se para resgatar a história daqueles que haviam sido afastados das salas de aula pela ditadura. Na ocasião do lançamento, temendo represálias, os autores decidiram não divulgar seus nomes. Passados 40 anos, a publicação foi reeditada e relançada durante a 54ª Feira do Livro, desta vez com os nomes de todos os que colaboraram para sua confecção. Parte dessa história é aqui resgatada por meio de depoimentos de seus autores e de quatro dos professores expurgados nos dois ciclos repressivos.

Recuperando a memória – Maria Assunta Campilongo ingressou na UFRGS em março de 1964 como aluna da Filosofia, curso que na época abrigava a vanguarda intelectual universitária. Uma das autoras do livro e hoje professora aposentada do Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, ela diz que que assistiu à retirada



1968: estudantes da UFRGS protestam em frente ao prédio da Filosofia e são reprimidos pela Guarda Civil

ED. LIBRETIOS/LIVRO 'ABAIXO A REPRESSÃO - MOVIMENTO ESTUDANTIL E AS LIBERDADES DEMOCRÁTICAS' / ASSIS HOFFMANN

Memórias da repressão

de sala de aula do professor Ernani Maria Fiori por duas pessoas não identificadas, que pediram que as acompanhasse. “A sala estava lotada, pois todos amavam suas aulas. Ficamos chocados.”

Segundo a professora, a busca por informações para a realização do livro foi difícil, pois muita gente não foi encontrada e outros se recusaram a falar. “Ainda havia medo, e nós mesmos não podíamos sair às claras dizendo que estávamos fazendo um trabalho com os professores cassados”, relata Maria Assunta.

O professor do Instituto de Matemática, Aron Taitelbaum, também autor do livro, relembra uma reunião ocorrida em fevereiro de 1979 nas dependências do Bar do Antônio, no Campus Centro: “O encontro trouxe de volta à Universidade muitos dos expurgados em 1964 e 1969, como Demétrio Ribeiro, Luiz Carlos Pinheiro Machado, Emilio Ripoll, Carlos Fayet e Nelson Souza. Foi emocionante, pois alguns não se viam desde os expurgos”.

Ele conta que participou de quase todas as entrevistas. “Para nós, foi uma experiência gratificante, pois

todos eram pessoas de elevado nível intelectual, cultural e moral – o que dava uma dimensão da perda que a expulsão deles representou para a UFRGS.”

Inquisição – Em 1964, um mês após o golpe, foi instituída na Universidade a Comissão Especial de Investigação Sumária (Ceis). Composta por 16 membros, cada um escolhido pela Congregação das unidades universitárias, essa comissão ficou subordinada à Comissão Geral de Investigações, presidida pelo general Jorge Cezar Garrastazu Teixeira. Sua criação representou o início de inquéritos marcados pelo autoritarismo. Os professores eram convocados por meio de um ofício apócrifo a comparecerem perante uma das subcomissões, quando recebiam um dossiê, também sem assinatura, apresentando denúncias e fatos registrados contra eles. Nenhum dos acusados recebeu qualquer comunicação oficial sobre os resultados das inquirições a que foi submetido. Eles ficaram sabendo de seu afastamento pelos jornais e foram desligados da Universidade sumariamente.

Em 1969, já com o AI-5 em vigor, não houve necessidade sequer de montar uma farsa para legitimar o processo de cassação: os expurgados souberam de suas aposentadorias ou demissões pelo Diário Oficial da União. Em decreto datado de 29 de agosto, foram aposentados ou demitidos 13 professores. Posteriormente, os integrantes de um grupo de 20 docentes que havia elaborado um abaixo-assinado endereçado ao reitor exigindo a volta dos expurgados foram chamados pelo diretor-substituto da Faculdade de Filosofia e individualmente entrevistados. Os seis que se recusaram a retirar seu nome do manifesto foram também expurgados por decreto publicado no Diário Oficial em 10 de outubro.

Silêncio – Conforme Aron Taitelbaum, o levantamento sobre os processos da Comissão Especial de Investigação Sumária da UFRGS instalada em 1964 só foi possível porque vários documentos estavam em poder dos expurgados. Ele fez uma pesquisa nos jornais da época, em que encontrou pronunciamentos de deputados na Assembléia Legislativa e

manifestações de intelectuais. “Mas não tivemos acesso a documentos oficiais da Universidade. Por isso, várias questões permanecem sem resposta.”

Na UFRGS não foi encontrado qualquer registro do trabalho das Ceis. Uma comissão formada em 2007 para pesquisar documentos referentes ao período da ditadura até hoje não obteve acesso ao Arquivo Geral da Universidade. Acredita-se que boa parte desse material esteja em poder dos familiares dos integrantes da mal-fadada Comissão.

Além dos professores e técnicos, foram muitos os alunos expulsos. O livro *Abaixo a repressão – Movimento estudantil e as liberdades democráticas*, também lançado na 54ª Feira do Livro, registra parte dessas arbitrariedades. Aron recorda que toda uma diretoria do Diretório Central dos Estudantes (DCE) foi expurgada. “A repressão arruinou a carreira de alguns estudantes. Já os professores expurgados, de uma forma ou outra, se recuperaram e vários puderam voltar à Universidade. Os alunos, porém, tiveram perdas irreparáveis, até porque não possuíam estrutura para lidar com a perseguição.”

Lições da escuridão não foram aprendidas

Na avaliação da professora Maria Assunta Campilongo, durante o período repressivo havia uma direita bem delineada e uma esquerda fragmentada. “Mas nós sabíamos quem era o inimigo. Hoje não se sabe, pois ninguém mais assume que é de direita. E, no decorrer do tempo, ela foi se apropriando de todas as bandeiras da esquerda.”

Maria Assunta participou da ocupação do prédio da Filosofia pelos estudantes, em 1968, que se organizavam para promover uma passeata em protesto pela expulsão dos professores. “Estávamos sentados na calçada em frente

à faculdade quando a polícia chegou, forçando-nos a correr para dentro do campus. Os policiais foram impedidos de entrar pelo diretor Ângelo Ricci. Mais tarde, ele também seria expurgado.”

Comparando o comportamento da comunidade universitária durante a ditadura com o quadro das universidades na atualidade, Maria Assunta vê um desgaste da questão ideológica. “Houve a institucionalização da ideologia do individualismo possessivo”, assinala a doutora em Ciência Política, para quem não aprendemos com a ditadura. “Quando ingres-

sei na Universidade, tínhamos um ideal de luta pela liberdade e sofremos a ação dos militares e dos dedos-duros que estavam dentro das salas de aula. Os tempos de repressão cultural levaram a uma pobreza de espírito indescritível. O resultado é que se perdeu muito da humanidade, da ética e da solidariedade.”

A visão da professora é endossada pelo seu colega Aron Taitelbaum: “Na época da primeira edição do livro sobre os expurgos, havia muita esperança nas ações coletivas. Achávamos que poderíamos resolver problemas por meio do trabalho conjunto com ou-

tras pessoas. Hoje, a filosofia que domina a sociedade e também a universidade é a do cada um por si”. Aron considera equivocada a idéia de que as perseguições e expulsões são coisa do passado.

Embora acredite que os episódios ocorridos em 1964 e 1969 não tenham mais condições de se repetir, Maria Assunta acha que não aprendemos a lição daqueles tempos de intolerância. “Não há mais perseguições nem militares prendendo e punindo quem os contrarie, mas a tortura, por exemplo, ainda não acabou”, conclui a professora.

“O que houve em 1969 foi uma espécie de ‘poda’ da reflexão crítica dentro da universidade”, Maria da Glória Bordini

Dicas de livros

Universidade repressão – Os expurgos na UFRGS

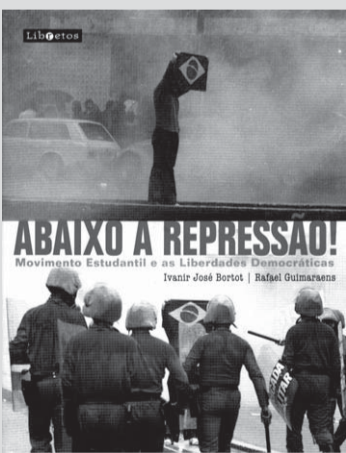
Organização e revisão Lorena Holzmann et al. 2ª edição, L&PM editores e Adufrgs, 104 págs., 2008. R\$ 25 (preço médio)



Relato dos acontecimentos relacionados aos ciclos repressivos sofridos pela Universidade. Em 1964 e 1969, alguns dos mais destacados professores da UFRGS foram vítimas de uma “caça às bruxas” e afastados de suas funções docentes. O livro faz um retrospecto desses acontecimentos, por meio de depoimentos dos expurgados e da reconstituição do clima vigente no ambiente universitário pós-golpe. Seu maior trunfo, além da exposição da arbitrariedade dos processos de cassação, é a denúncia do silêncio e da conivência da administração universitária da época.

Abaixo a repressão! Movimento estudantil e as liberdades democráticas

Ivanir José Bortot e Rafael Guimaraens, Libretos, 256 págs., 2008. R\$ 25 (preço médio)



Um dos primeiros livros a registrar a luta do movimento estudantil pela democracia no Rio Grande do Sul. Com fotos de época, depoimentos de militantes e entrevistas, apresenta um rico panorama sobre a agitação presente entre os estudantes, acompanhando o surgimento de diferentes correntes de esquerda e seus líderes, que teriam participação ativa na fase de redemocratização. Ao lado da coletânea de charges da época e das capas de vários jornais produzidos por estudantes, um dos aspectos mais instigantes da obra são as entrevistas com alguns dos personagens que viveram aqueles tempos.

A vida depois do expurgo

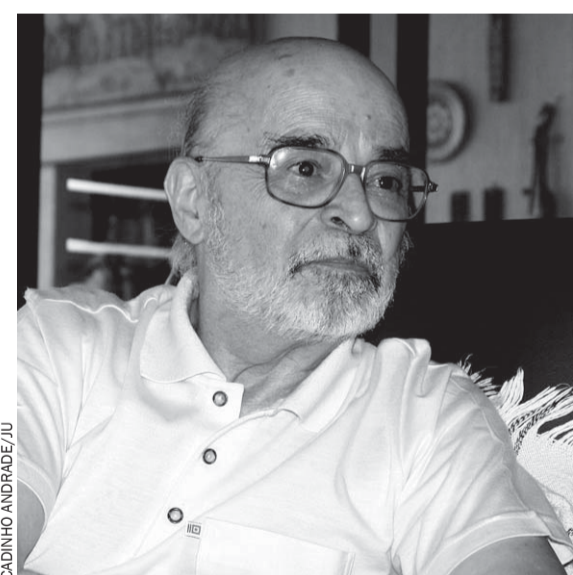
Os expurgos na UFRGS atingiram tanto professores catedráticos com carreiras consolidadas quanto jovens professores que haviam recém-iniciado a carreira docente. Classificados como subversivos por sua oposição ao regime militar, esses mestres viram suas carreiras bruscamente interrompidas. Uns se exilaram, outros foram buscar espaço na iniciativa privada, já que estavam impedidos de exercer qualquer função pública, outros, ainda, adoeceram e morreram afastados do que mais prezavam: o convívio com os estudantes no ambiente universitário. Quatro dos sobreviventes das cassações de 1964 e 1969 relatam sua trajetória depois das cassações e analisam as conseqüências dos expurgos para a Universidade.



FLÁVIO DUTRA/PROJETO CONTRIO

Antônio de Pádua Ferreira da Silva – expurgado em 1964

“Formado em Matemática, eu era também jornalista e auditor fiscal da Receita Federal, além de professor contratado do Colégio Júlio de Castilhos e da Faculdade de Economia da Universidade. Desde 1945, tinha forte atuação partidária, tendo participado da fundação do Partido Trabalhista Brasileiro e dos primeiros núcleos do Movimento Nacionalista do Brasil. Naquele tempo, existia a possibilidade de contratar professores e pagar por aula dada. Assim, todos os anos, lá pelo mês de março ou abril, meu contrato com a Universidade era renovado. Com o golpe de 64, a renovação não aconteceu, por isso não tenho um ato de expurgo, pois não havia um vínculo real na época. No Julinho, fui preso dando aula em 16 de abril de 1964 e tive os direitos políticos suspensos por 10 anos. Fui solto somente em 2 de junho e impedido de trabalhar. Fui punido também como aluno, pois estava cursando Engenharia na UFRGS, de onde fui expulso sumariamente. Em novembro de 1964, os agentes do regime militar realizaram uma operação para reprimir uma possível revolta envolvendo ex-alunos do Colégio Militar de Porto Alegre. Então fui novamente preso, desta vez em casa. Fui colocado numa cela para criminosos perigosos na Penitenciária Estadual por 15 dias. Quando me libertaram, perguntei ao delegado do Dops o motivo da prisão. A resposta dele: ‘Olha, parecia que ia estourar alguma coisa. E se estourasse o senhor iria para as cabeças. Então, nós lhe escondemos’. Tive duas oportunidades de sair do país, mas decidi permanecer no Brasil porque tinha sete filhos para criar. Talvez por conta da minha formação como matemático, sempre consegui racionalizar tudo e enfrentar a dureza daqueles tempos.”



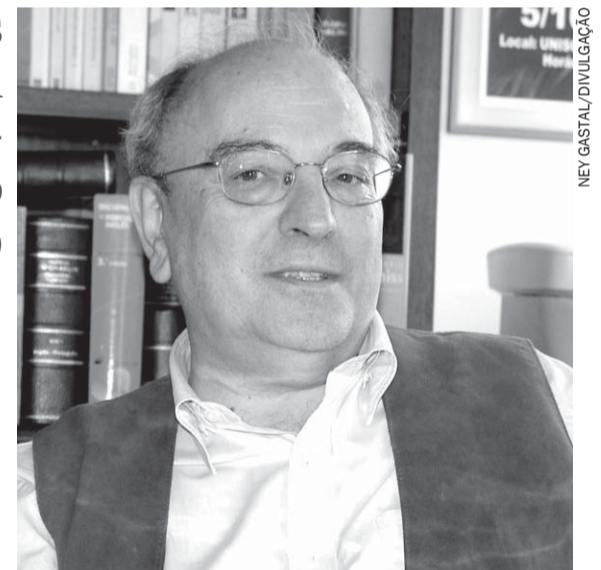
CADINHO ANDRADE/JU

Nelson Souza – expurgado em 1964

“Professor assistente do professor Edgar Graeff na Faculdade de Arquitetura, a mais atingida pela primeira leva de cassações, sou da terceira turma de arquitetos formada pelo Belas Artes e concluí o curso em 1951. Logo que estourou o golpe, fui intimado a comparecer perante a Comissão Interna formada na UFRGS. A primeira acusação era de que eu seria assinante de um jornal da classe operária do Rio de Janeiro. Na época, sequer existia a possibilidade de assinar um jornal carioca como aquele. Outra acusação era de que eu pertencia a um grupo subversivo cuja sigla meus inquiridores jamais nominaram. Para meu constrangimento, um dos integrantes da comissão interna nomeada para me investigar era meu colega da Faculdade de Agronomia. A Universidade como um todo sofreu uma violência moral, mas quem sofreu violência física e enfrentou a prisão foram os estudantes. O interventor do III Exército na Universidade, general Jorge Cezar Garrastazu Teixeira, logo que fomos expurgados, convocou cada um dos professores vitimados para uma conversa. A mim, perguntou se eu era marxista. Eu disse que não podia responder, porque não conhecia suficientemente o pensamento filosófico de Marx. Depois de expulso da Universidade, recomecei do zero, voltando a trabalhar somente em meu escritório de arquitetura. Um mês depois de minha saída, fui convidado a trabalhar no projeto do Hospital Mãe de Deus, indicado por um arquiteto e ex-colega da UFRGS. Confesso que não senti falta de dar aulas, porque o ambiente na faculdade havia mudado totalmente e meus melhores colegas também haviam sido afastados.”

“Era jovem e fiquei muito surpreso, porque não fazia um trabalho de oposição ao regime. Havia sido o primeiro da minha turma e, quando me formei, fui convidado a ser assistente do professor Gerd Borheim. Em paralelo, cursava a Faculdade de Direito, onde me graduei em 1968. Era de esquerda, mas não militava em nenhuma das organizações clandestinas da época. Minha atividade pública era muito focada nas questões internas do curso de Filosofia, no sentido de melhorar sua qualidade. Ali, sim, havia certo dissenso com algumas pessoas que integravam o departamento. Aquilo tudo me tornou uma pessoa muito mais politizada e interessada nas questões gerais do Brasil. Terminei me candidatando a uma bolsa do governo francês e fiquei naquele país durante quatro anos e meio, entrando em contato com o pessoal que fazia resistência ao regime no exterior. Quando retornei, consegui um emprego na assessoria parlamentar da Assembléia Legislativa. Naquele período (1974), o parlamento gaúcho era talvez a única instância legislativa que se arriscava a ter um fórum de debates marcadamente de esquerda sobre a situação nacional. Passei a ter uma relação estreita com os líderes da política rio-grandense e, com a abertura, integrei o PMDB, participando dos governos de Simon, Brito e Rigotto. A expulsão da UFRGS está na origem de uma espécie de divisão da minha trajetória de vida entre atividades acadêmicas e políticas. Minha volta à Universidade foi muito feliz, porque colegas como Valério Rohden e Aron Taitelbaum fizeram um movimento bonito de acolhimento.”

João Carlos Brum Torres – expurgado em 1969



NEY GASTAL/DIVULGAÇÃO

“Havia concluído o curso de Letras em 1968 e fazia parte de um grupo capitaneado pelos professores Ângelo Ricci e Dionísio Toledo. Esse grupo era composto pelos melhores alunos de teoria da literatura e se dedicava a um trabalho de difusão dessa área, que ainda era nova no Rio Grande do Sul. Fizemos traduções de textos teóricos e estabelecemos um convênio com a Editora Globo. Era um período nada tranquilo, no qual corriam boatos sobre espões do governo freqüentando a faculdade. O movimento estudantil era muito atuante, mas confesso que eu só queria ler e estudar. Quando houve aquele primeiro expurgo, tudo passou meio despercebido. As expulsões de 1969 nos fizeram entender a arbitrariedade da ditadura: ninguém sabia por que havia sido cassado, nem quem o acusara. Quando as tentativas de reintegrá-los falharam, resolvemos fazer um manifesto. Nem pensei nas conseqüências, certamente por desconhecer o que ocorria nas prisões. Assinei o manifesto muito mais por uma questão ética do que política. O reitor da época, Eduardo Faraco, encaminhou o manifesto ao III Exército, levando à intimidação dos signatários. Eu me recusei a retirar minha assinatura e terminei perdendo o emprego na UFRGS e também o de professora do estado. Mas fui convidada a trabalhar como secretária pessoal de José Otávio Bertaso, na Editora Globo, o que se revelou uma experiência muito rica. O que houve em 1969 foi uma espécie de ‘poda’ da reflexão crítica dentro da universidade, já que as pessoas cassadas não exerciam atividades políticas de oposição ao regime.”

Maria da Glória Bordini – expurgada em 1969



NEY GASTAL/DIVULGAÇÃO



O fenômeno Obama

Política

Historiador atribui vitória à máquina eleitoral que mobilizou negros, imigrantes e jovens

Jacira Cabral da Silveira

Para o filósofo, sociólogo e historiador Nelson Boeira, a eleição de Barak Obama à presidência dos Estados Unidos é um fenômeno de muitas dimensões. Professor do Instituto de Filosofia e Ciências Humanas da UFRGS, Boeira viveu por mais de dez anos em solo americano. De 73 a 79, concluiu três mestrados nas áreas de Filosofia, Sociologia e História, sendo que nesta última também se doutorou pela Yale University. Essa longa convivência com o povo e a dinâmica política dos EUA, somada ao diverso conhecimento teórico, deu ao humanista diferentes ferramentas para sua análise.

Quando define a eleição do democrata como fenômeno de muitas dimensões, Boeira refere-se em primeiro lugar à vitória da máquina eleitoral que, segundo ele, foi extremamente eficiente, seja na captação de recursos, seja na mobilização de grupos significativos de eleitores que nas eleições mais recentes se mantinham apáticos (negros, imigrantes, jovens, etc.). Na opinião do historiador, essa capacidade de mobilização já havia se manifestado em parte nas eleições legislativas de 2006, quando os democratas recuperaram a maioria na Câmara e no Senado. “A campanha de Obama, desde o início, abriu um espaço efetivo para a ampla participação de eleitores descontentes, como não se via entre os democratas desde 60.”

A esses fatores, Boeira acrescenta a unidade de ação do Partido Democrata, cujas divisões internas o haviam prejudicado grandemente em eleições anteriores a 2006. Ainda no plano da condução da campanha, o professor menciona o planejamento meticuloso e a perseguição insistente dos objetivos traçados, como o avanço sobre áreas tradicionalmente republicanas.

O uso massivo de novas formas e meios de propaganda, como a Internet, também foi estratégia bem-sucedida, “respaldando uma participação de base crescentemente entusiástica”, acrescenta. Em todos esses sentidos, a



DIVULGAÇÃO/JU

campanha representou uma revitalização das bases tradicionais do Partido Democrata e a utilização de novas tecnologias de marketing eleitoral – procedimentos sustentados por recursos financeiros abundantes.

Do ponto de vista dos argumentos eleitorais, Boeira relaciona dois fatores que pesaram a favor de Obama e contra McCain. Primeiro, o exaustivamente comentado desastre da administração Bush, “a mais impopular da história recente”. Conforme o historiador, os efeitos negativos dessa impopularidade acumulavam-se desde 2005, com o fracasso e o desprestígio das guerras no Iraque e no Afeganistão. “Para medir a dimensão desse desastre, basta considerar que McCain recusou a participação de Bush na campanha e fez questão de apresentar-se como seu verdadeiro opositor.” Em segundo lugar, Boeira menciona os sentimentos de descontentamento e insegurança criados pela eclosão da crise econômica, imputada diretamente ao governo Bush e transferida, ainda que parcialmente, ao candidato republicano.

Na avaliação de Boeira, a conjunção desses fatores impediu a formulação e destruiu a credibilidade de qualquer discurso republicano em favor de mudanças, por mais vagas

que fossem. Por outro lado, permitiu que Obama mobilizasse a rejeição a Bush, valendo-se de uma plataforma de mudanças muito genericamente desenhada.

Renovação – Boeira concorda com o que tem sido repetidamente dito a respeito da eleição do democrata: “A eleição de Obama representa a consolidação de um processo de efetiva inclusão de parcelas importantes da comunidade negra na vida social e política dos EUA, processo cuja origem mais próxima remonta ao movimento dos direitos civis dos anos 60”. O historiador acredita que o exame dos resultados eleitorais revela que o peso do preconceito racial foi mínimo no país como um todo e decrescente em áreas muito conservadoras. Por outro lado, considera que a vitória democrata representa um renascimento – ainda que parcial e por enquanto sujeito a posterior confirmação – da forte tradição liberal americana em favor de liberdades públicas e da promoção de igualdade. “A expressão ‘liberal’, no contexto americano, nada tem a ver com a fórmula ofensiva neoliberal, tão popular entre nós.”

Para Boeira, “a vitória democrata manifesta ainda a invulgar e – para os

“A eleição de Obama parece indicar que o conservadorismo triunfante da última década chegou aos seus limites e perdeu sua posição hegemônica na América”

que desconhecem a história dos EUA – surpreendente capacidade de renovação da sociedade americana, da qual a eleição de um presidente ‘negro’ é apenas mais um exemplo”. Segundo ele, à primeira vista, a eleição de Obama parece indicar que o conservadorismo triunfante da última década chegou aos seus limites e perdeu sua posição hegemônica na América.

“Uma sociedade como a brasileira, que compensa seu renitente conservadorismo e sua resistência a mudanças reais com um discurso de ‘mudan-

ças profundas e radicais’, tem dificuldade para compreender como mudanças gradativas e incrementais ao longo de quatro décadas podem resultar em alterações profundas e significativas da sensibilidade e distribuição de oportunidades sociais”, compara.

Presságio – Para a política e para a vida social dos EUA, a vitória de Obama, ao fechar uma etapa importante da luta pelos direitos civis, abre a agenda nacional para uma discussão pública dos objetivos e da identidade do país no século XXI. Por isso, Boeira entende tratar-se de uma mudança que pode dar origem a alterações muito expressivas na sociedade americana. Ele ressalta, entretanto, que essas mudanças, caso ocorram, “não serão nem súbitas nem generalizadas”.

Embora o pêndulo da sociedade americana mais uma vez tenha se voltado para o lado liberal, o historiador acredita que ainda não é possível medir a profundidade dessa alteração nem a sua duração. “A crise econômica pode estar ocultando a dimensão real do enfraquecimento dos setores conservadores da sociedade americana”, argumenta. De acordo com ele, os resultados do enfrentamento da crise econômica permitirão medir com maior precisão “a grandeza e o significado de uma vitória que, no momento, deixou claro seu significado cultural e (em parte) político”.

No plano internacional, Boeira avalia que a vitória de Obama representa, de imediato, uma diminuição do belicismo e da polarização ‘amigos-inimigos’ da era Bush, permitindo com isso uma redução bem-vinda da tensão internacional. Para o professor, é difícil antecipar eventuais alterações da política externa americana, especialmente em meio a uma crise econômica de caráter estrutural. “No curto prazo, afora a diminuição do belicismo e um aumento da disposição ao diálogo, não devem ocorrer mudanças muito expressivas. No entanto, a simples redução da onda de antiamericanismo, gerada pelo unilateralismo da era Bush, deverá favorecer a imagem internacional dos Estados Unidos.”

Por fim, Boeira ressalta que o presidente eleito parece ter uma percepção bastante clara da importância, para a política externa e para os interesses econômicos americanos, da retomada de uma liderança positiva e cooperativa por parte dos Estados Unidos no cenário internacional. “Mas essas são questões abertas, cujas respostas virão apenas lentamente”, conclui.

Aluna da Fabico acompanhou eleição americana

Em agosto deste ano, Bruna Passos Amaral, aluna do sexto semestre do curso de Jornalismo da UFRGS, esteve entre os 20 estudantes brasileiros que venceram o concurso da Embaixada Americana para acompanhar *in loco* a eleição presidencial dos EUA. Além de graduandos em Jornalismo, foram selecionados universitários dos cursos de Relações Internacionais e Ciências Políticas de diferentes universidades brasileiras. De acordo com Bruna, o objetivo do programa era oportunizar o convívio com o sistema eleitoral estadunidense, por intermédio de visita aos partidos políticos e participação em comícios.

Quatro dias antes da eleição, Bruna ouviu Obama falar aos moradores de Raleigh, capital da Carolina do Norte, cidade para a qual foi designada. Decidida a observar a reação dos populares, confessa ter sido difícil muitas vezes conter a própria euforia. “Obama sabe falar muito bem, quase comecei a

participar como se fosse um deles.” A seguir, trechos do relato-cobertura da estudante:

– Nos dez dias em que estive em Raleigh, era notável o fato de que a campanha do senador do Illinois conseguira o feito inédito de unir pobres e ricos, negros e brancos, jovens e idosos em torno de um mote: ‘Sim, nós podemos!’.

Não foram uma nem duas pessoas da classe média que, assim como o professor universitário David McNeil, abriram suas carteiras pela primeira vez para eleger um presidente. No estado da Carolina do Norte, como no resto do país, a votação começou duas semanas antes com uma campanha massiva para que a população votasse antecipadamente e recrutasse novas pessoas para votar. Nos EUA, o voto não é obrigatório, as cédulas são confusas, com pelo menos dez cargos sendo disputados em cada estado, e a eleição acontece sempre em uma terça-feira.

Para se ter uma idéia, uma das grandes controvérsias da eleição deste ano naquele estado, que tinha uma cédula eleitoral do tamanho de uma folha A4 ocupada frente e verso, foi o *straight party voting*, algo semelhante ao voto na legenda. Em vez de votar separadamente para governador, senador ou qualquer um dos 29 cargos disputados nessa eleição, o cidadão podia marcar na sua cédula um voto para toda a legenda. O único porém é que, ao contrário do que muitos pensavam, ao escolher essa opção, a pessoa não tinha votado automaticamente para presidente. Na visita ao diretório Democrata, o presidente do partido na Carolina do Norte, Jerry Meek, disse ter recebido pelo menos dez mensagens por dia de pessoas que só descobriram não ter votado para presidente após colocarem seu voto na urna.

Obama preferiu deixar a questão racial como um assunto secundário. Tanto que, em

seus discursos, sempre lançou mão da referência “não o presidente negro, sim o presidente que representa o país inteiro”. No entanto, o sucesso de sua candidatura e de sua campanha pode ser um primeiro passo para ampliar a discussão da questão racial no país. Por mais que boa parte da população norte-americana tente negar, o racismo é uma ferida profunda e aberta na história do povo americano, especialmente nos estados conservadores do sul. Nesses estados, só após a eclosão do movimento dos direitos civis, nos anos 60, leis como as que separavam cidadãos ‘brancos’ e ‘de cor’ nos espaços públicos foram abolidas. Pode parecer um pequeno passo, mas, pelo menos em um desses estados sulistas conservadores, Obama conseguiu vencer: por apenas 1% a mais de votos que o republicano McCain, o democrata levou todos os votos do colégio eleitoral da Carolina do Norte.



A tristeza machuca

Comportamento

Transtorno mental que mais cresce no planeta, a depressão é de difícil diagnóstico

Estima-se que até 2020 a depressão pule do quarto para o segundo lugar entre as enfermidades mais fatais, atrás apenas das doenças cardíacas. Os dados são da Organização Mundial da Saúde, divulgados no ano passado. O relatório diz também que há cerca de 121 milhões de depressivos espalhados pelo planeta, sendo uma das principais causas de incapacitação entre todas as doenças. Da população brasileira, 5% seriam portadores de depressão e cerca de 10% podem vir a apresentar pelo menos um episódio durante a vida. Contribui para esse panorama o fato de muitas pessoas que apresentam os sintomas não perceberem que possuem um grave problema de saúde.

“A depressão é um transtorno mental, e não uma doença”, define o médico psiquiatra e professor do Departamento de Psiquiatria da UFRGS Marcelo Fleck. Segundo ele, o conceito de doença pressupõe um conhecimento exato das causas e dos mecanismos que envolvem a enfermidade, e isso não é possível no caso da depressão, uma vez que ela é diagnosticada por um conjunto de variáveis que devem acontecer simultaneamente. Para a presidente da Associação Brasileira de Familiares, Amigos e Portadores de Transtornos Afetivos (Abrata), Helena Calil, a dificuldade de se identificar o diagnóstico vem dessa pluralidade de sintomas: “A pessoa percebe que não está bem, mas pode não reconhecer todas as características do transtorno”.

Para ser tratado como depressivo, o paciente deve apresentar pelo menos cinco das nove condições listadas pela classificação da Associação Americana de Psiquiatria. Os dois sintomas básicos seriam a diminuição do interesse nas atividades rotineiras e o humor triste. Soma-se a isso a variação da quantidade de sono do indivíduo, a dificuldade de concentração e a ideia de inutilidade. “A intensidade é um conceito fundamental”, diz Marcelo, acrescentando que os sintomas devem persistir durante pelo menos duas semanas e devem ser suficientemente fortes para atrapalhar o cotidiano da pessoa.

Sabe-se também que a vulnerabilidade genética pode influenciar na tendência à depressão. O indivíduo herda uma predisposição ao transtorno, porém essa relação não é simples. O psiquiatra explica: “A doença não

vem de um gene dominante, isto é, se o pai teve depressão, o filho não a terá necessariamente. A genética é um componente importante, mas depende de diferentes fatores ambientais para que ela se expresse na forma de depressão”, finaliza o médico.

Predisposição feminina - As taxas de perturbações psiquiátricas são semelhantes para homens e mulheres. Porém, a depressão está duas vezes mais presente no público feminino. Diversos fatores conspiram contra as mulheres, um deles é de cunho social. Marcelo Fleck ressalta que, atualmente, elas estão submetidas a uma maior pressão por assumirem o papel de mãe e de profissional. “As responsabilidades em casa e no trabalho, a necessidade de criar os filhos e as expectativas sociais são questões importantes”, explica. Uma pesquisa mostra que mulheres molestadas na infância apresentam grandes riscos de desenvolver a depressão em algum momento de suas vidas. Em vítimas de estupro, é muito comum ocorrer o transtorno já na idade adulta. São os chamados eventos opressores, aos quais as mulheres estão muito mais sujeitas do que os homens, informa o psiquiatra do Hospital de Clínicas.

Alterações nos níveis do hormônio feminino, que ocasionam instabilidade de humor e tensão pré-menstrual (TPM), também estão relacionadas à depressão. Segundo o Ministério da Saúde, a TPM afeta cerca de 70% das mulheres e é consequência do aumento hormonal, principalmente do estrogênio, dias antes da menstruação. São mais de 20 sintomas diferentes – como cólicas e dores de cabeça – em quantidade e intensidade que variam de paciente para paciente. Essas crises de irritabilidade e nervosismo acabam ajudando no processo de depressão feminina. Para completar, existe a depressão pós-parto, período no qual o risco psiquiátrico aumenta. O transtorno pode se manifestar com variável intensidade, tornando-se um fator que dificulta o estabelecimento de um laço afetivo seguro entre mãe e filho, podendo até interferir nas futuras relações interpessoais firmadas pela criança.

Papel da família - O transtorno depressivo pode se manifestar já na

infância. Pesquisas revelam que ele está presente em cerca de 1% dos menores. A melhor forma de prevenção é garantir que a criança cresça segura e com o apoio incondicional dos parentes. Por isso, é tão importante a criação de um vínculo forte

O transtorno depressivo pode se manifestar já na infância. Pesquisas revelam que ele está presente em cerca de 1% dos menores.

entre pais e filhos. Marcelo diz que estimular o crescimento do jovem com carinho e num ambiente saudável são atitudes que ajudam a evitar a depressão e qualquer outro tipo de problema psicológico que o indivíduo possa apresentar mais tarde. O médico explica que a atenção materna é crucial para evitar possíveis transtornos mentais: “É uma descoberta bem documentada em animais o fato de que, se eles crescerem sem a mãe, haverá um forte impacto na sua vida adulta”.

As formas de tratamento envolvem, basicamente, psicoterapias específicas para a depressão, medicação e também o apoio familiar. A utiliza-

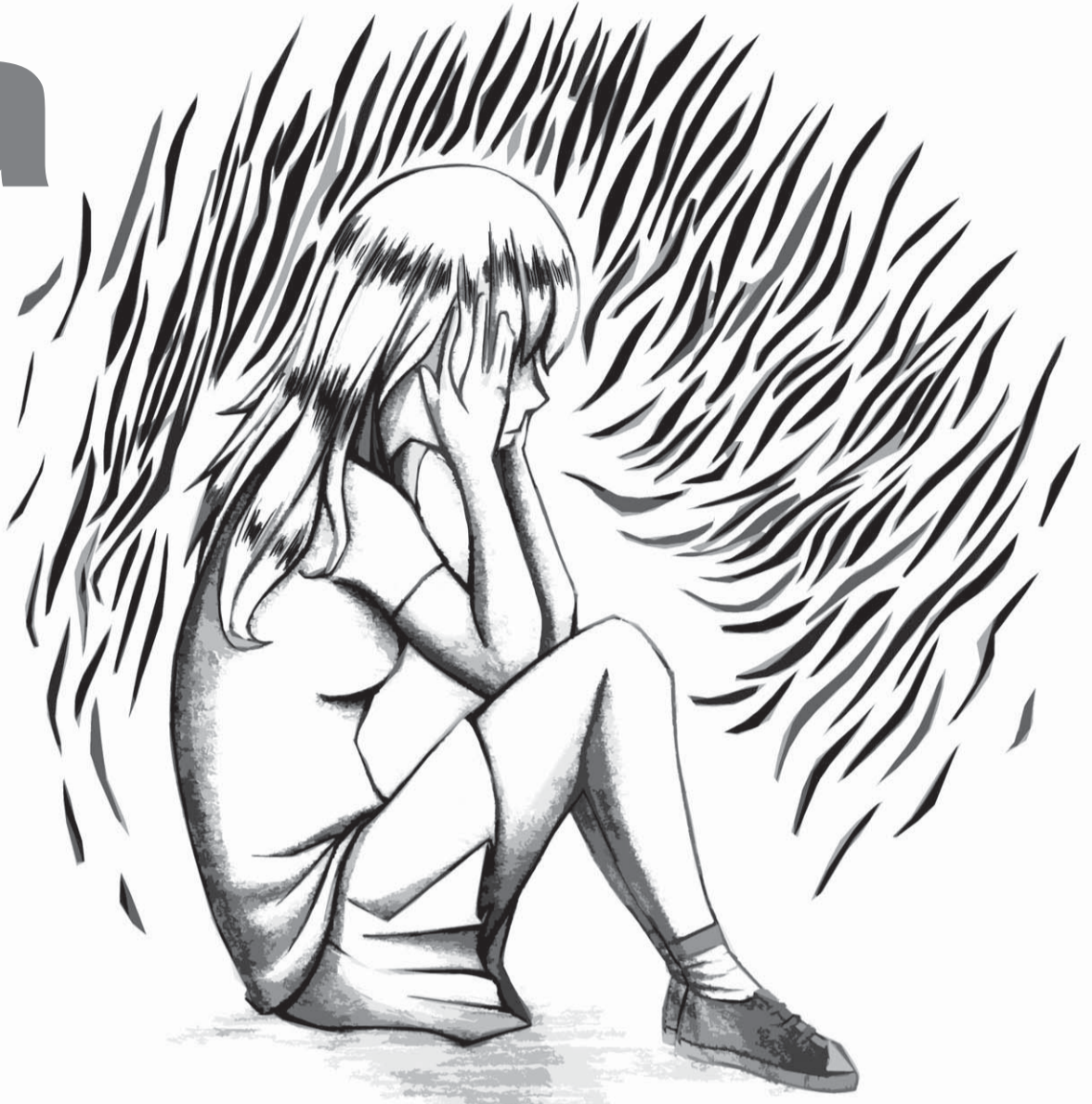
ção de remédios tem crescido por ser uma forma relativamente simples de tratamento. Na opinião do psiquiatra, como o índice do transtorno é muito alto em termos de saúde pública, é mais fácil atender uma grande população, baseando-se em medicações. Entretanto, essa parece não ser a melhor opção, “é claro que uma consulta psicoterapêutica com um atendimento individualizado seria o tratamento ideal, mas não o mais prático”, explica. Para depressões mais profundas, no entanto, a psicoterapia não é indicada. Nesses casos graves, quando as pessoas deixam até de se comunicar, a medicação e o eletrochoque assumem um papel importante. Além dos tratamentos citados, Helena Calil lembra que a família é muito importante nessa etapa. Para ela, a evolução e a recuperação do portador de depressão dependem muito do apoio e da compreensão de seus familiares. “Os parentes devem acompanhar o portador, incentivando-o a comparecer em suas consultas e conscientizando-o de que os resultados podem demorar a aparecer, mas que serão positivos”, pondera a presidente da Abrata.

Suicídio em alta - Pesquisas apontam que cerca de 80% dos indivíduos que cometem suicídio estavam deprimidos. Conforme Marcelo, “a pessoa que se mata, em geral, tem um diagnóstico psiquiátrico bem definido e a depressão é a principal característica associada”. Contudo, continua o médico, não são todos os deprimidos que cometem suicídio, logo, a questão da

intensidade do transtorno é somente uma das variáveis. Para o Ministério da Saúde, o suicídio é uma questão de saúde pública desde 2006, ano em que programas e grupos de trabalho foram criados com o intuito de reduzir o índice de ocorrência no país. No Brasil, a taxa de suicídio é de 4,5 por 100 mil habitantes, sendo que no Rio Grande do Sul, estado com maior incidência, o índice, em algumas localidades, alcança 30,2 casos por 100 mil habitantes.

Vários fatores podem levar uma pessoa a tirar a própria vida. “Há pessoas que apresentam um quadro de profunda depressão, mas nunca tentaram o suicídio. Outras, que nunca mostraram sintomas depressivos, cometem o ato”, diz o psiquiatra do HCPA. O suicídio é a terceira maior causa de morte no mundo na faixa etária dos 15 aos 45 anos, segundo a Organização Mundial da Saúde. Pelo menos 25% dos deprimidos que não recebem tratamento e acompanhamento adequados tentam o suicídio – metade com sucesso. Mas há também os chamados fatores protetores. Marcelo cita o exemplo da mãe que tem um sentimento de proteção em relação ao filho pequeno, e “a criança parece que impede um possível impulso suicida”, diz o psiquiatra. As redes sociais e a religiosidade também funcionam como um muro de proteção, servindo de um porto de segurança.

Rafael Gloria, estudante do 4º semestre de Jornalismo da Fabico



Instituição que ajuda a salvar vidas

Há dez anos, na cidade de Chapada, Noroeste do Rio Grande do Sul, oito pessoas cometeram suicídio num período de apenas nove meses. Surpresos com o inesperado aumento de incidência do ato, um grupo ligado à saúde do município resolveu buscar ajuda para combater o problema. Fizeram contato com o Centro de Valorização da Vida (CVV) de Porto Alegre, uma instituição de 38 anos que oferece serviço de apoio emocional gratuito a pessoas com algum tipo de transtorno. Depois de

um tempo de aulas sobre os ideais da organização, o grupo fundou uma filial do CVV em Chapada. Quem conta a história é Conceição Soares, coordenadora do Centro de Porto Alegre. Ela revela que “o índice de suicídio caiu para zero na região nos oito anos seguintes à chegada da organização”.

A entidade sem fins lucrativos atua na valorização da vida, proporcionando respeito, apoio, compreensão e sigilo total a pessoas que buscam alguém disposto a ouvir seus problemas. Na filial de Porto

Alegre, as linhas ficam disponibilizadas 24 horas por dia, durante toda a semana, pelo telefone 141. O centro também atende em sua sede, localizada na Av. José de Alencar, 414, sala 205, das 8h às 18h, diariamente, inclusive aos sábados, domingos e feriados. O serviço é gratuito e o atendimento realizado por voluntários, que se prepararam para ser plantonistas do CVV, participando de um curso. Quem tiver interesse em tornar-se voluntário deve ligar para 3231-6111 e solicitar inscrição.

Suicídio Dados da Região Sul

A Região Sul apresenta a maior taxa de óbito por suicídio do Brasil, com 8,1 por 100 mil habitantes. No Rio Grande do Sul, a taxa de mortalidade por suicídio masculina é de 17 por 100 mil habitantes. Já a feminina é de 3,1 por 100 mil habitantes.

Fonte: Ministério da Saúde



Realismo em debate

Literatura
Fóruns promovidos pelo Instituto de Letras da UFRGS discutiram o Realismo como problema literário

Marcelo Frizon *

O VII Fórum de Literatura Brasileira e o II Fórum de Literatura Portuguesa e Luso-Africanas debateram o Realismo enquanto problema literário. O evento, que ocorre a cada dois anos, foi uma promoção do Núcleo Guilhermino Cesar de Literatura Brasileira do Instituto de Letras da UFRGS. Neste ano, as atividades, realizadas de 2 a 4 deste mês, trouxeram importantes estudiosos das Literaturas Brasileira e Portuguesa para discutir a questão. Leopoldo Waizbort, professor de Sociologia da USP, lançou em 2007 o livro *A passagem do três ao um*, em que analisa a influência da obra do crítico alemão Erich Auerbach na visão de Antonio Candido, Roberto Schwarz e Raymundo Faoro sobre o Realismo. Ele fez a conferência de abertura do evento. Hélio Seixas Guimarães, professor de Literatura Brasileira da USP e autor do excelente *Os leitores de Machado de Assis*, analisou, na segunda conferência, a recepção da obra machadiana. Hélder Macedo, escritor português e professor do King's College, de Londres, foi o conferencista do terceiro dia, quando refletiu sobre a obra de Guimarães Rosa.

O fórum anterior, realizado em 2006, privilegiara a poesia, tendo como homenageado o poeta gaúcho Mario Quintana. Um pouco para contrabalançar o fato – e muito para celebrar as efemérides dos centenários de falecimento de Machado de Assis e de nascimento de Guimarães Rosa –, o Fórum de 2008 decidiu enfocar a narrativa e, em seu âmbito, a representação da realidade. Trata-se de um problema com que lida a literatura desde as suas origens míticas, e os dois autores brasileiros se notabilizaram exatamente pelas soluções engendradas por cada um deles em seus respectivos contextos históricos.

A representação da realidade de forma ficcional é quase tão antiga quanto a própria humanidade. Desde o século XVIII, porém, a literatura

A atriz Elisa Lucas, protagonista da peça *Confesso que Capitu*, exibida durante a programação cultural dos eventos



MYRA GONÇALVES/DIVULGAÇÃO

tem procurado retratar da maneira mais fiel possível as angústias e os dilemas do homem moderno. O Romantismo surgiu nessa época e conquistou o público leitor ao apresentar a burguesia como protagonista de suas obras. As histórias de grandes guerreiros ou as lendas e mitos da Antiguidade já não tinham tanto espaço: o homem contemporâneo queria estar retratado na ficção. E foi com o Realismo, já no século XIX, que a realidade foi transformada em matéria ficcional de alto calibre. O sentimentalismo dos românticos não condizia com a realidade; afinal, se ela precisava ser retratada, era necessário mostrar também o lado sórdido que faz parte da vida dos seres humanos.

Machado de Assis x Realismo tradicional - No Brasil, a obra de Machado de Assis tornou-se paradigma do Re-

alismo ao problematizar a representação, dando voz a narradores em primeira pessoa que ironizam situações e personagens com humor refinado e mordaz. Pela pena de Machado, a imparcialidade realista – imposta para procurar retratar da maneira mais ampla todos os lados da história criada pelo autor – dissolvia-se no discurso de narradores que estavam cheios de credenciais, mas privados de credibilidade, conforme observa um dos melhores críticos da obra machadiana, Roberto Schwarz, pensando especificamente sobre *Dom Casmurro* (1899). Para ele, estava configurada uma situação inédita, difícil de aceitar, observada do ângulo da ideologia artística nacional. No entanto, era muito mais do que isso: ao rejeitar a terceira pessoa em romances como *Memórias Póstumas de Brás Cubas* (1881) e o já citado *Dom Cas-*

murro, Machado criava uma situação narrativa complexa, que enredava o leitor numa teia de dúvidas. Mesmo em *Quincas Borba* (1890) – único romance em terceira pessoa da dita segunda fase da obra machadiana –, estamos diante de um narrador provocativo, que se aproxima carinhosamente do leitor para depois lançá-lo na sarjeta junto ao protagonista Rubião.

No fundo, o que Machado empregava era uma técnica narrativa que o colocava ao lado dos grandes prosadores ocidentais do novecentos, como Dostoiévski, Tolstói, Stendhal, Flaubert e Jane Austen. Mas o escritor brasileiro escrevia em português, língua então de pouca importância no contexto mundial, o que o impediu de circular no exterior tanto quanto seus colegas realistas. Além disso, se tivesse sido lido fora do Bra-

sil no período em que estava vivo, é provável que suas tramas não fizessem sentido para o leitor estrangeiro. Afinal, Machado demonstrou as contradições brasileiras do seu século: como um país pretende-se capitalista quanto desvantajosa financeiramente como a escravidão?

Realidade e regionalismo - Mas a realidade nacional também foi explorada em outras áreas, como o regionalismo, com ótimos resultados. O melhor exemplo é a obra de João Guimarães Rosa. Até o lançamento de *Sagarana* (1946) e, principalmente, *Grande Sertão: Veredas* (1956), o regionalismo na literatura rebaixava o homem ao nível dos animais e da paisagem retratada (excetuando-se a obra de Simões Lopes Neto, que encontrou a solução para o problema ao dar voz diretamente ao homem da região para contar as histórias de sua terra; no caso, o Rio Grande do Sul). Com Guimarães Rosa, os dramas do homem interiorano ganharam o requinte normalmente encontrado apenas na literatura urbana, como observou Antonio Candido, professor aposentado da USP, demonstrando que homens rústicos são tão complexos quanto os civilizados.

No fundo, a realidade continua sendo explorada na ficção contemporânea (não só no Brasil, é claro). Assuntos que não existiam literariamente ganharam espaço em representantes de grande interesse, como, por exemplo, Paulo Lins, autor de *Cidade de Deus* (1997), obra que focalizou a realidade do tráfico de drogas e o dia-a-dia de uma grande favela carioca. O fato é que, como se pôde constatar durante os debates do Fórum, o problema do realismo ainda vai continuar inquietando por muito tempo os autores, leitores e críticos de literatura.

* Professor-substituto de Literatura Brasileira, UFRGS

JU indica

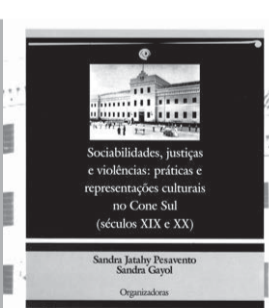
Bairros, loteamentos e condomínios – Elementos para o projeto de novos territórios habitacionais

de Iára Regina Castello, Ed. UFRGS, 2008, 206 págs. R\$ 50 (valor médio)



Este lançamento, apesar de dirigido a arquitetos e urbanistas, tem muito a dizer aos porto-alegrenses nestes tempos de condomínios fechados, bosques particulares e megaprojetos na orla do Guaíba. Gerado a partir de um estudo que desenvolveu material didático para o curso de Arquitetura e Urbanismo da UFRGS, o livro integra a série *Pesquisa em Sala de Aula*, patrocinada pela Pró-reitoria de Pesquisa da Universidade. O conteúdo está organizado em quatro módulos didáticos, que apresentam desde as informações básicas para o levantamento de dados sobre o terreno e seu entorno até o debate sobre as práticas recentes de parcelamento e configuração espacial do solo para fins residenciais. O foco é a capital

gaúcha, e o levantamento contou com o apoio do Observatório das Metrópoles - Núcleo de Porto Alegre. Um dos aspectos mais interessantes da obra são os comentários que acompanham as dezenas de fotos, mostrando problemas urbanos, como o isolamento de determinadas vias pela construção de muros e o estreitamento das calçadas, a inadequação de projetos residenciais em que as ruas tornam-se áreas de lazer infantil e a subutilização de praças e espaços abertos. Didaticamente, o livro constrói um amplo levantamento sobre as diferentes propostas urbanas encontradas nos diferentes bairros da cidade, com ilustrações, mapas e gráficos, sendo acompanhado por um CD-ROM rico em ilustrações. (Ania Chala)



Sociabilidades, justiça e violências: práticas e representações culturais no Cone Sul

de Sandra Jatahy Pesavento e Sandra Gayol, Editora da UFRGS, 2008, 294 págs., R\$ 30 (valor médio).

Compilação de artigos que trazem à tona a realidade vivida pela população da parte meridional do continente latino-americano ao longo dos séculos XIX e XX. A obra nos faz perceber como as estruturas sociais do passado estão refletidas nas relações atuais. Um exemplo é o texto "Recordações da casa dos mortos", de Paulo Roberto Staudt Moreira. Nele, o autor conta como estava estruturada a Casa de Correção (presídio) de Porto Alegre. Relatórios e documentos mostram que muitos dos atuais problemas do sistema penitenciário brasileiro – como a superlotação e o crime organizado – são remanescentes daquele período. A obra é uma boa fonte de questionamento sobre os motivos que impedem a melhoria nas condições de vida nos países sul-americanos. (Paula Vieira)

Correspondência de Sigmund e Anna Freud

tradução de Kristina Michahelles, organização e introdução de Ingeborg Meyer-Palmedo, L&PM editores, 2008, 520 págs. R\$ 83 (valor médio)

SIGMUND FREUD
Correspondência
ANNA FREUD



O livro reúne pela primeira vez toda a correspondência trocada entre Sigmund Freud e sua filha caçula, Anna, ao longo de 34 anos. Escritas entre 1904 e 1938, as cerca de 300 cartas representam um importante documento para a compreensão do desenvolvimento da Psicanálise, mas também das personalidades de Sigmund e Anna. Única dos seis filhos a seguir a carreira do pai, Anna tornou-se guardiã do legado intelectual de Freud, desenvolvendo e aprofundando seus estudos psicanalíticos. Apesar de ter trabalhado por pouco tempo como professora, interessou-se pela psicanálise infantil. Os textos dão testemunho da intimidade dos Freud, mas também da cultura de uma família judaica nas primeiras décadas do século XX. (Ania Chala)

LPs de volta às prateleiras

Música

Idolatrado nas décadas de 70 e 80, o disco de vinil ressurge num contexto em que o suporte musical se transforma

Ouvir música em toca-disco exigia todo um cuidado. Primeiro, tirava-se o vinil da capa pelas bordas, com sensibilidade para não arranhar o corpo, encaixando-o no prato. Depois, era preciso segurar o braço, deixando a agulha cair suavemente até o sulco. Esse foi o ritual de toda uma geração que ouvia música numa época em que o LongPlay (LP) era o meio de gravação de som mais difundido. Nos anos 80, pessoas como José Carlos de Azevedo, produtor cultural do Instituto de Artes da UFRGS, e Luiz Henrique Fontoura, jornalista e apresentador do programa *Conversa de Botequim* da rádio FM Cultura, chegaram a ter mais de mil discos de vinil em suas coleções, tamanha era a proliferação do famoso bolachão. Depois de quase duas décadas de predomínio do CD como formato de mídia, a indústria musical observa fenômenos inusitados de dois anos para cá: a venda de discos de vinil tem aumentado consideravelmente e novos artistas cada vez mais lançam seus trabalhos nesse formato.

Faixa 1: Volta do LP - Nos Estados Unidos, a venda dos discos de vinil passou de 858 mil em 2006 para cerca de um milhão de unidades em 2007. A expectativa, segundo a empresa Nielsen SoundScan, que monitora o setor musical norte-americano, é que até o final deste ano mais de 1,6 milhão de unidades seja comercializada. Já o consumo de CD teve um decréscimo de 17,5% durante o mesmo período, conforme notificou a Associação da Indústria Fonográfica da América. Os aparelhos toca-discos também tiveram suas vendas aumentadas: meio milhão deles foi negociado somente em território americano. Por sua vez, quem sustentou por muito tempo os vinis no Brasil foram os selos independentes, tais como a Monstro Discos, de Goiânia, e a carioca DeckDisc. Essas gravadoras possuem a tradição de apoiarem novos músicos, principalmente os independentes, que vêm no formato um modo de diferenciar o seu trabalho.

Artistas consagrados, como Caetano Veloso, Lenine e Maria Rita, ainda que timidamente, também sustentam essa iniciativa, lançando suas obras em CD e LP. A pirataria proporcionada pela Internet foi um dos fatores que incentivou os artistas a retornarem ao vinil.

Faixa 2: Público - Há mais de 20 anos vendendo LPs no mercado porto-alegrense, Ivan Laurindo, proprietário da loja Stoned Discos, é incisivo quando perguntado sobre a volta do disco: "Não é uma volta do vinil para a massa, isto é, para a maioria das pessoas. É para colecionadores, tanto que os que estão sendo mais reeditados são os álbuns clássicos". Enquanto fala, mostra uma nova edição lançada este ano do disco *Abbey Road*, dos Beatles. As



Ivan Laurindo diz que os lançamentos em vinil são direcionados a colecionadores

músicas mais populares e atuais, segundo ele, não serão gravadas em LP justamente porque a maioria das pessoas não dispõe de toca-disco. "Quem possui o aparelho são aqueles que cultuam o vinil, os colecionadores", continua, apontando para um toca-disco velho, mas ainda charmoso, que se encontra no canto da loja.

José Carlos compartilha da opinião de Ivan e vê essa volta do formato em LP como uma reação à dissolução do suporte musical. Foi deixado de lado o álbum como um conceito, segundo o qual as músicas formavam uma unidade. Isso ocorreu, em parte, devido ao aparecimento do mp3, que agrega muito mais informação e é mais prático. O vinil recupera uma característica mais tátil e simbólica da música. "A volta do vinil é reativa, uma resposta talvez até emocional, nesse momento em que a música parece ter perdido de vez o suporte", conclui o produtor cultural.

Faixa 3: Diferenças - Em 1986, foi lançado o disco *Ópera do Malandro*, trilha do filme homônimo, composta por Chico Buarque. "Era assim que acontecia: a gente aguardava o lançamento do disco; quando ele ocorria, íamos até o centro procurar nas lojas e encontrar outros 'garimpadores'; e, por fim, comprávamos o bolachão", lembra o jornalista Luiz Henrique, da rádio FM Cultura. A pessoa gastava mais tempo procurando os LPs, ouvindo as músicas e prestando atenção aos lançamentos. E é justamente essa procura que, na opinião de José Carlos, motivava o público a ser mais seletivo e a criar uma maior consciência crítica. "A diferença básica é que na época dos discos e dos CDs era necessário tempo e dinheiro para adquirir um álbum. Agora, com a Internet, é tão fácil que a pessoa baixa muita coisa, mas acaba não ouvindo nem metade."

A questão está justamente no fato

de que a capacidade de adquirir música atualmente é maior do que a disponibilidade de ouvi-la. José Carlos também acredita que o CD ajudou a recuperar todo um acervo antigo que não estava disponível, ou era muito raro de se encontrar em vinil. Quando o formato surgiu, foram reeditadas discografias inteiras. "Havia discos importantíssimos que voltaram ao acervo na era digital, na era do CD", completa o jornalista.

A parte mais delicada no manuseio do vinil ocorre quando se deseja "pular de faixa". Caso a agulha não seja levantada com cuidado, o disco pode arranhar. O mesmo acontece ao

Nos EUA, a venda dos discos de vinil passou de 858 mil em 2006 para quase um milhão de unidades no ano passado

trocar de lado, já que é preciso destreza para pegar o LP e recolocá-lo no prato. Muitas pessoas não repararam, mas esse contato direto era um outro charme do disco, uma vez que originava interação, ainda que obrigatória, com o ouvinte. "Ficou muito mais prático com o advento do CD, pois não era mais necessário o cara levantar do lugar onde estava e trocar de faixa, é automático", diz José Carlos. Perdeu-se um pouco do romantismo e ganhou-se em praticidade e quantidade de informação. Atualmente, as pessoas caminham com música: alguns I-Pods podem armazenar mais de mil canções.

Faixa 4: O Som - Muito se debate

sobre a qualidade sonora do disco de vinil em relação ao CD. O diretor técnico da Rádio da Universidade, Luiz Sperotto, esclarece: "O LP é feito a partir de um processo no qual não há compressão de dados. Por ser analógico, teoricamente, não há perdas". É nessa tese que os defensores do vinil se apoiam para comprovar a superioridade sonora em relação ao formato de CD. O áudio digital, ao contrário do vinil, pega amostras da gravação, isto é, ele não capta todo o envoltório da música. "Mas são cortes tão rápidos que a pessoa com um ouvido normal não percebe", enfatiza Sperotto. É como se o CD formasse uma linha a partir de pontos minúsculos separados, enquanto o vinil forma uma linha sem nenhuma interrupção.

No entanto, o técnico explica que o disco tem muitos problemas, pois depende da qualidade do corpo, que é fácil de ser prejudicado, e também de um ótimo aparelho, de um prato sem nenhuma vibração — em relação a essa característica, na prática, a qualidade do som do CD é melhor. O apresentador do *Conversa de Botequim* diz que, quando começou a escutar o formato do CD, estranhava o som, achava-o muito agudo. "Agora não me imagino ouvindo o LP, não me acostumaria novamente com os ruídos e os chiados", completa Luiz Henrique.

Faixa 5: Artistas - Cada vez mais, diferentes artistas estão lançando seus trabalhos em disco de vinil. É Ivan quem me aponta o músico gaúcho Flávio Basso, mais conhecido por Júpiter Maçã, que visitava a sua loja no dia de nossa entrevista. O cantor diz que vem adotando o formato LP há tempo. "O vinil ainda é o melhor de todos, principalmente quando se tem o equipamento adequado." Ele acredita que há um diferencial no disco e lembra de quando era adolescente: "Tinha uns 13 ou 14 anos e ia todos os dias nas lojas de disco; era uma delícia garim-

par, nós discutíamos sobre as capas e as músicas, o pessoal todo se conhecia". Hábito do qual ainda não se desvencilhou: enquanto conversávamos, ele olhava, através dos óculos escuros, os discos na prateleira da loja.

Inúmeros músicos já declararam sua paixão pelo vinil. O cantor e compositor Lenine revelou recentemente que nada substituiria o ato de colocar a agulha num disco. É como pensa também o vocalista da banda de rock carioca Autoramas, Gabriel Thomaz, atualmente em turnê pela Europa: "Adoramos o vinil, as capas são mais bonitas e o som é melhor", enfatiza. O grupo acredita que o diferencial é a compra do artigo, que tem maior durabilidade. A banda já lançou quatro LPs no Brasil.

Faixa 6: Futuro - A Livraria Cultura começou a vender vinis em 2006, acompanhando a tendência internacional. "No início, eram apenas 10 títulos, mas a aceitação foi tão boa que pulamos para 1.000", diz Paulo Herz, diretor comercial da rede. Até maio deste ano, os LPs comercializados ultrapassaram todas as vendas realizadas em 2007. Fatos que motivam a loja a manter o seu setor de discos, uma vez que o público é pequeno, mas fiel.

A Polysom, única fábrica de discos do país, foi desativada em 2007. O então ministro da Cultura, Gilberto Gil, começou uma campanha para transformá-la em patrimônio histórico, proposta ainda não concretizada. Por enquanto, não é possível saber que caminho o vinil tomará no país. Selos como a Monstro Discos e a DeckDisc estudam a viabilização de uma nova fábrica. O futuro do LP parece confuso no meio de tantas mídias e opiniões distintas. Mas uma coisa é certa: o vinil está de volta.

Rafael Gloria, estudante do 4º semestre de Jornalismo da Fabico

► **Redação** Caroline da Silva | Colaboração Aline Pellegrini | Fone: 3308-3368 | Sugestões para esta página podem ser enviadas para jornal@ufrgs.br

DESTAQUE

Cultura em três eixos



2009

Programação universitária terá reflexão e resgate das relações com a comunidade

A programação cultural da UFRGS em 2009 será pautada pela itinerância e ressignificação. Quem adianta as inovações para o ano que vem é a diretora do Departamento de Difusão Cultural (DDC) da Pró-reitoria de Extensão da UFRGS, Cláudia Boettcher. Conforme a relações públicas, a política cultural da Prorext para o próximo período foi pensada sob três eixos: reflexão, resgate das relações da Universidade e ações multiculturais.

Apontando a cultura como vetor da criatividade, da economia e das relações sociais, a grande promoção dentro do grupo reflexivo será o 1º Congresso Internacional *Economia, Cultura e Sociedade*, em parceria com o curso de especialização em Economia da Cultura da Faculdade de Ciências Econômicas da UFRGS. Esse evento, a ser realizado provavelmente em maio, terá nomes internacionais e nacionais reconhecidos nessa área. Mas esse tipo de realização acadêmica é também uma vitrine para os alunos da instituição, que poderão inscrever e apresentar seus

trabalhos. Ainda no eixo da reflexão, estão previstos para o segundo semestre de 2009 encontros com o jornalista e professor Aduino Novaes, que dirigiu o Centro de Estudos e Pesquisas da Funarte.

No resgate das relações da Universidade, o desafio é revitalizar o segundo andar da reitoria com um movimento de ressignificação. O objetivo é que o Salão de Festas e a Sala Fahrion sejam vistos como espaços culturais, e não de eventos – apesar de os grandes encontros da Universidade continuarem a ser realizados naquele local. A idéia é que o segundo andar seja um espaço de criação dos diferentes cursos de graduação da UFRGS, entendendo que o processo de concepção é um ato artístico. A Sala Fahrion será tanto um lugar de exposições permanentes quanto de opção aos alunos.

Em 2009, há a intenção de promover-se ali a recepção aos calouros, uma mostra do grupo Bando de Barro – composto de professores e alunos do Instituto de Artes – e mostras da produção de outros professores da Universidade, para terem o respaldo da instituição quanto ao seu percurso de artista, e não somente de docente.

As ações multiculturais darão continuidade ao que vem sendo desenvolvido pelo DDC, como o programa Unicultura

(que engloba os projetos Uniarte – com participação de alunos, Unimúsica – com cancionistas do momento, Unifilme, Unidança, Unidéia e Unifoto) e os ciclos de filmes na Sala Redenção, tentando parceria com a Cinemateca Brasileira e a Fundação Joaquim Nabuco, em especial atenção às vertentes de vídeoarte e cinema experimental. O programa *Cultura 12 e 30* deverá ser retomado em 2009, no Campus do Vale, com música (apresentações no pátio próximo ao Bar do Antônio) e cinema (exibições do auditório do ILEA).

A grande novidade é a proposta de itinerância do Unimúsica, firmando uma parceria com a Secretaria de Ensino a Distância, para que grupos musicais formados por técnicos e alunos da nossa Universidade se apresentem em pólos do interior e outras universidades federais. “É importante fazer circular, além do ensino formal, a cultura da UFRGS”, afirma Cláudia Boettcher.

A produtora cultural Lígia Petrucci informa que o Conselho do Unimúsica ainda não se definiu quanto à programação do próximo ano, que deve iniciar em abril. Porém, o intuito é traçar um panorama da criação e renovação musical atual com os pensadores da canção. Mas uma coisa é certa: o Núcleo de Estudos da Canção continuará a pleno vapor.

RÁDIO

LIGA DOS DIREITOS HUMANOS
Programa produzido pelo curso de Especialização em Direitos Humanos da Faculdade de Educação da UFRGS. A apresentação e a direção de produção é de Giancarla Brunetto. As transmissões são às segundas-feiras, às 10h05min, pelos 1080AM da Rádio da Universidade. Também é possível ouvir pela Internet, pelo site www.ufrgs.br/radio.

OS EXPURGOS NA UFRGS
Data: 22 de dezembro
Convidada: Lorena Holzmann, professora do Departamento de Sociologia da UFRGS, organizadora e revisora da 2ª edição do livro *Universidade e repressão: os*

expurgos na UFRGS, publicado pela Associação dos Docentes da UFRGS em parceria com a L&PM Editores.

DIREITOS SEXUAIS, ACESSO A MEDICAMENTOS, PROPRIEDADE INTELECTUAL E LIBERDADES LAICAS
Data: 29 de dezembro
Convidada: Márcia Mocellin Raymundo, pesquisadora do Núcleo Interinstitucional de Bioética do Hospital de Clínicas de Porto Alegre (HCPA).

CURSOS & PALESTRAS

Especialização em Pedagogia da Arte

Curso para profissionais de ensino superior, como professores de Artes, Letras e disciplinas afins, artistas, atores, diretores, cenógrafos, bailarinos, coreógrafos, músicos, escritores, etc.
Período: 23 de março a 23 de dezembro
Local e horário: Faculdade de Educação, de segunda a quinta-feira, das 19h às 21h50min
Custo: R\$ 80 (inscrição), R\$ 100 (matrícula) e 12x R\$ 260 (mensalidade)
Inscrições: até 9 de março, na secretaria do Programa de Pós-graduação em Educação da Faced - 7º andar
Informações: 3308-3270 ou glibertoicle@gmail.com

Núcleo de Fotografia - Fábico

Cursos abertos à comunidade em geral.

INTRODUÇÃO À FOTOGRAFIA - BÁSICO 1
Aulas com Myra Gonçalves e Rochele Zandavalli em duas turmas.
Período: 5 a 13 de janeiro ou 12 a 21 de janeiro
Local e horário: Núcleo de Fotografia, das 19h às 22h ou das 14h às 17h
Custo: R\$ 190

FOTOGRAFIA DIGITAL 1
Aulas com o fotógrafo Germano Preichardt
Período: 12 a 22 de janeiro
Local e horário: Núcleo de Fotografia, das 19h30min às 21h30min
Custo: R\$ 230
Informações: 3308-5147 ou lexis@ufrgs.br

CECLIMAR

Tradicionalmente, a cada ano, o Centro de Estudos Costeiros, Limnológicos e Marinhos da UFRGS (Ceclimar) promove uma programação de verão com atividades educativas e culturais para a comunidade local e veranistas. Embora com caráter formativo, a iniciativa busca oferecer lazer e entretenimento ao público.

Abertura

Apresentação da Banda Municipal de Imbé
Data: 7 de janeiro, quarta-feira
Local e horário: Ceclimar, 18h

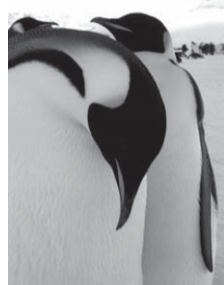
Oficina nossos amigos, os pingüins

Ministrante: grupo Ceclivet
Público-alvo: 7 a 10 anos
Data: 8 e 21 de janeiro, quinta e quarta-feira
Local e horário: Ceclimar, 14h às 16h
Taxa: R\$ 5

Oficina Conhecendo e preservando as tartarugas-marinhas

Ministrantes: Karine Steigleder, Juliana Tisca e Renata Xavier
Público-alvo: acima de 7 anos
Data: 8 de janeiro, quinta-feira
Local e horário: Ceclimar, 16h30min às 18h
Taxa: R\$ 5

Cinema ao entardecer



A MARCHA DOS PINGÜINS (documentário, EUA, França, 2005, 85 min)
Sessão: 9 de janeiro, sexta-feira
O ESPANTA-TUBARÕES (animação, EUA, 2004, 90 min)
Sessão: 16 de janeiro, sexta-feira
O TESOURO ENCALHADO (aventura, EUA, 2008, 113 min)
Sessão: 23 de janeiro, sexta-feira
TÁ DANDO ONDA (animação, EUA, 2007, 85 min)
Sessão: 30 de janeiro, sexta-feira

Local e horário: auditório do Ceclimar, às 17h
Entrada franca

Oficina Museu vai à praia

Ministrantes: técnicos do Ceclimar
Público-alvo: geral
Data e local: 9 e 30 de janeiro, na praia de Imbé, próximo à Av. Santa Rosa
16 de janeiro, na praia de Tramandaí, próximo ao Quebra-Mar
23 de janeiro, na praia de Arroio do Sal
Horário: 9h às 15h
Taxa: isentos

Oficina Entendendo os animais do fundo do mar

Ministrantes: Vanessa

Agostini e Matias Ritter
Público-alvo: acima de 6 anos
Data: 13 de janeiro, terça-feira
Local e horário: Ceclimar, 14h30min às 16h
Taxa: R\$ 5

Atividade recreativa Criando e brincando com o meio ambiente



Ministrantes: Karine Steigleder e Emanuele Zanellato
Público-alvo: acima de 7 anos
Data: 13 e 27 de janeiro, terças-feiras
Local e horário: área externa do Ceclimar, 16h às 17h
Taxa: isenta

Palestra Banho de mar seguro

Ministrante: Elírio Ernestino Toldo Jr.
Público-alvo: geral
Data: 13 de janeiro, terça-feira
Local e horário: auditório do Ceclimar, às 17h
Taxa: isenta

Oficina Conhecendo predadores: tubarões e raias

Ministrante: Bruna Alencastro
Público-alvo: de 10 a 15 anos
Data: 14 e 22 de janeiro, quarta e quinta-feira
Local e horário: Ceclimar, 14h30min às 16h
Taxa: R\$ 5

Oficina Artesanato em escama de peixe

Ministrante: Tia Mariquinha (artesã)
Público-alvo: geral
Data: 14 de janeiro, quarta-feira
Local e horário: Ceclimar, 16h
Taxa: isenta

Oficina Coleópteros: a curiosa saga dos besouros

Ministrante: Maristela da Silva Pinheiro
Público-alvo: de 10 a 14 anos
Data: 15 de janeiro, quinta-feira
Local e horário: Ceclimar e Horto Florestal de Tramandaí, 14h às 16h
Taxa: R\$ 5

Oficina Arte com lata

Ministrante: Ana Lucia Fernandes Marinowski
Público-alvo: de 7 a 10 anos
Data: 20 e 21 de janeiro, terça e quarta-feira
Local e horário: Ceclimar, 16h às 18h30min
Taxa: isenta

Oficina Trilhando na floresta nativa

Ministrante: Maristela da Silva Pinheiro
Público-alvo: acima de 8 anos
Data: 21 de janeiro,

quarta-feira
Local e horário: Ceclimar e Horto Florestal de Tramandaí, 15h às 18h
Taxa: R\$ 5

Oficina Petróleo: do passado ao futuro

Ministrante: Emanuele Zanellato e Edilon da Silva
Público-alvo: 8 a 12 anos
Data: 22 de janeiro, quinta-feira
Local e horário: Ceclimar, 16h às 17h
Taxa: R\$ 5

Oficina Os mais temidos animais marinhos

Ministrante: Vanessa Agostini e Matias Ritter
Público-alvo: acima de 6 anos
Data: 27 de janeiro, terça-feira
Local e horário: Ceclimar, 14h30min às 16h
Taxa: R\$ 5

Oficina Lixo: de vilão a herói

Ministrante: Luise Penz
Público-alvo: 8 a 12 anos
Data: 28 de janeiro, quarta-feira
Local e horário: Ceclimar, 14h30min às 16h
Taxa: R\$ 5

Oficina A fauna marinha visitante das nossas praias

Ministrante: Maurício Tavares
Público-alvo: geral
Data: 28 de janeiro, quarta-feira
Local e horário: Ceclimar, 18h
Taxa: R\$ 5

Oficina Invertebrados marinhos e suas curiosidades

Ministrantes: Vanessa Agostini e Matias Ritter
Público-alvo: acima de 7 anos
Data: 29 de janeiro, quinta-feira
Local e horário: Ceclimar, 14h30min às 16h
Taxa: R\$ 5

PLANETÁRIO

TAINAKAN - ESTRELA DA MANHÃ
Programa infantil sobre o pequeno indígena Tainá, que se perde na floresta e encontra Jaci, a deusa da Lua. Com ela, viaja pelo céu, conhecendo os astros que fazem parte da tribo do Sol e aprende as condições que possibilitam a vida na Terra.
Duração: 37min
Sessões: 21 e 28 de dezembro (domingos)
Local e horário: Planetário, às 16h
Ingresso: 1 kg de alimento não-perecível (individual)

JORNADA NO SISTEMA SOLAR

A programação adulta fornece uma detalhada descrição de nosso sistema planetário, com a investigação científica da estrutura e dinâmica dos planetas, satélites e pequenos corpos que compõem o complexo conjunto ligado ao Sol. Duração: 50min
Sessões: 21 e 28 de dezembro (domingos)
Local e horário: Planetário, às 18h
Ingresso: 1 kg de alimento não perecível (individual)

MÚSICA

Coral da UFRGS

Apresentação dentro da programação natalina do governo do Estado do Rio Grande do Sul. Atualmente, o Coral é integrado por 35 cantores, incluindo alunos, ex-alunos, professores e técnicos da Universidade, além de pessoas da comunidade externa à instituição. Em sua história, o Coral da UFRGS já realizou mais de mil apresentações e tem sido um dos grandes responsáveis pela divulgação da atividade artística da Universidade e um dos líderes do movimento coral brasileiro, quer pela continuidade do seu trabalho, quer pela sua qualidade. Data: 22 de dezembro
Local e horário: Praça da Matriz, às 20h
Entrada franca



Prélio

O projeto Prélio, cujo propósito é a formação musical inicial e continuada de jovens e crianças, abre inscrições para teste e sorteio de alunos novos. O sorteio dos selecionados será realizado em 19 de janeiro. Para a classificação, será considerada a idade em 15 de março de 2009.

Turmas: iniciação musical (5 e 6 anos de idade), flauta-doce (7 e 8 anos de idade) e violão (9 a 14 anos de idade)
Inscrições: 5 a 14 de janeiro, das 9h às 12h e das 14h às 17h
Taxa: R\$ 5
Local: Rua Faria Santos, 234 - Petrópolis
Informações: 3333-6611

ONDE?

Ceclimar
Av. Tramandaí, 976 - Centro de Imbé
Fone: (51) 3627-1309

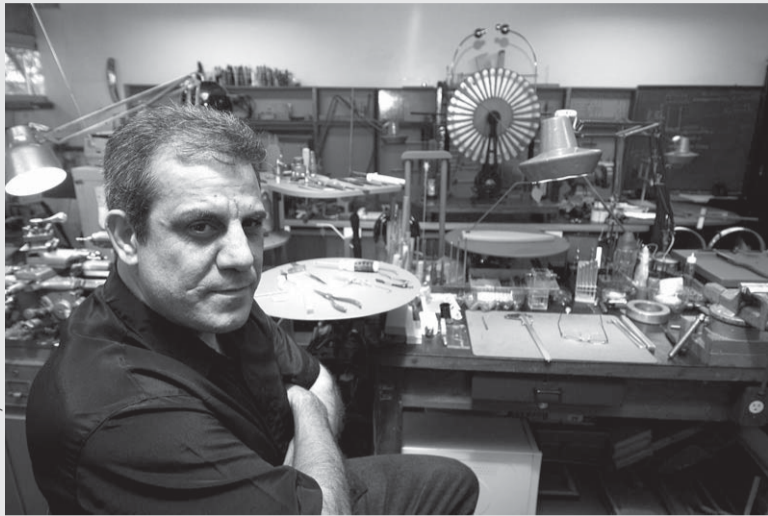
Faculdade de Educação da UFRGS
Av. Paulo Gama, s/nº
Fone: 3308-3428

Fábico
Rua ramiro Barcelos, 2705 - 3º andar
Fone: 3308-5067

Planetário
Av. Ipiranga, 2.000
Fone: 3308-5384

Praça da Matriz
Praça Marechal Deodoro, s/nº
Junto à Rua Duque de Caxias (Centro)

Meu Lugar na UFRGS



FLÁVIO DUTRA / PROJETO CONTATO

A oficina do professor Pardal

Convidada pelo técnico, Teka entra na sala perguntando: “Já mostrou todas as suas gracinhas?”. Renato Divam Silveira de Souza havia, sim, demonstrado o funcionamento de grande parte dos experimentos que confecciona na oficina mecânica dos laboratórios de ensino do Instituto de Física. A professora Maria Teresinha Xavier Silva, conhecida como Teka, revela que a função das experiências desenvolvidas por ele é deixar a Física mais palpável para o aluno.

Suponhamos que o docente necessite elaborar determinado experimento para usar em sala de aula a fim de fortalecer o ensino. Conseguir, então, verbas e/ou material para o seu desenvolvimento e leva a idéia ao técnico responsável pela oficina. “O professor ou o aluno vem até aqui, a gente senta e discute”, explica Renato. Teka comenta sobre o trabalho do funcionário: “Ele descobre formas de resolver os nossos problemas. O professor diz o que precisa, mas não sabe como fazer”.

Há 30 anos na Universidade, a função do técnico é fabricar artefatos para o ensino de Física. Renato frisa que não existe uma formação específica para o que faz. Quando começou, aos 17 anos, aprendeu tudo o que sabe com o antigo responsável pelo local, que foi seu mestre. Jorge Rodgheiro lhe passou a sua experiência ainda quando a oficina funcionava no Campus Centro, no antigo prédio do Parobé, à rua Sarmiento Leite. Desde 1985, o espaço funciona nas dependências dos laboratórios de ensino de Física no Campus do Vale.

“O técnico, com o conhecimento dele, tem a somar; bobo daquele que não aproveita.” A frase é de Teka, que brinca que o “professor Pardal” do Instituto é muito detalhista e caprichoso. Renato assume que, para fazer nascer cada um dos seus experimentos, é necessário muito carinho e dedicação. E afirma que gosta de todos eles como filhos, com igual amor.

O cuidado dele com a oficina mecânica pode ser percebido na organização das suas ferramentas e na prateleira nova que chama a atenção de quem adentra a sala. Feitas especialmente para receber as equipes do Jornal da Universidade e da UFRGS TV, cada uma das tábuas expõe um modelo colorido de experimento que comprova um conceito. “Tudo o que vocês estão vendo explica a Física. E aqui tenho só uns exemplares. Na verdade, são muitos mais, mas não há como acomodar tudo aqui dentro.”

A Balança de Roberval, por

exemplo, foi confeccionada por encomenda do professor Fernando Lang da Silveira para mostrar um princípio oculto nas balanças comuns. “Isso é o prolongamento da experiência, para o aluno absorver melhor o conhecimento. É chegar ao máximo daquilo que se pode produzir. Chama-se tecnologia”, comemora o técnico. Ele diz que sua meta é aperfeiçoar os artefatos cada vez mais, melhorando o *design*, o tipo de pintura, etc.

Para Renato, técnico, docente e aluno formam uma equipe: “Um luta pelo outro, é uma família, na verdade”. O “professor Pardal” diz que muitas vezes cria vínculos de amizade com os estudantes. Ele se sente feliz em participar do aprendizado de alunos que se tornam doutores, cientistas: “De repente, um cara desses vai parar na Nasa e a gente nem sabe”. A satisfação do técnico está em saber que seu trabalho é uma parte da formação em Física, mesmo que não seja lembrado.

Os experimentos criados na oficina mecânica ultrapassam as salas de aula e laboratórios da UFRGS. “Isso não fica retido na Universidade. 10% deles fica aqui, o resto vai para escolas estaduais, para o mundo.” Os graduandos em Física têm ao menos uma aula prática no local, na disciplina de Física Experimental. Sobre o sossego que o espaço parece manter, com a trilha musical da Guala FM, o técnico responde: “Nem sempre é tão tranqüilo; às vezes, os alunos invadem”.

Neste lugar, os protagonistas são o eletroscópio, o dilatômetro de esfera, a usina térmica, a fonte de Heron. Porém, a grande quantidade de alicates, limas, furadeiras, pincéis, brocas, pinças, canos, ferros, serrotes, trenas, chaves de fenda, bolinhas de gude e tampinhas de garrafa impressiona e ajuda a questionar o que seria exatamente um ambiente acadêmico. São os indícios para confirmar uma função que é totalmente artesanal e demanda talento de quem a desenvolve.

Caroline da Silva

Esta coluna é resultado de uma parceria entre o JU e a UFRGS TV. Os programas de televisão com as entrevistas aqui publicadas serão exibidos ao longo da programação do Canal 15 da NET às segundas, terças, quintas e sextas-feiras, a partir das 21h30min.

Você tem o seu lugar na UFRGS?

Então escreva para jornal@ufrgs.br e conte sua história – ou a de alguém que você conheça – com esse local

Perfil Pai tu me brinca?

Nilo Piana de Castro

Apaixonado por cinema, ele sempre arranja tempo para brincar com os filhos

Jacira Cabral da Silveira

Arranjar tempo para brincar com o filho era uma das preocupações de Nilo nos primeiros anos do curso de História na UFRGS, no qual ingressou em 1994. “Pai, tu me brinca”, pedia Matteo, com três anos de idade. Algumas vezes, eram necessárias até duas horas para montar todos aqueles soldadinhos. A brincadeira remetia à sua própria infância, quando colecionava publicações sobre a Segunda Guerra Mundial. O passatempo acabou virando livro, organizado por ele, em 1999, ano de sua formatura, quando foi contratado pela Secretaria de Turismo do Estado.

Há seis anos, Nilo André Piana de Castro tornou-se professor do Colégio de Aplicação da UFRGS, onde idealizou os projetos de extensão *A História vai ao cinema com Aplicação* (2006) e *Anos Rebeldes* (2006). Os projetos foram inspirados em sua primeira turma de alunos, que acompanhou desde a sétima série do fundamental, falhando apenas no segundo ano do ensino médio. “Foi covardia na hora de escolher o paraninfo; conhecia muito de cada um”, brinca, sem esconder a satisfação de estar na profissão certa, depois de sua entrada tardia na universidade, já com mais de 20 anos.

Livros e armas - Porto-alegrense, nascido em 1969, até os nove anos morou num bairro em que a maior parte dos moradores era de militares. Condição arriscada para o pai comunista e o vizinho anarquista. Porém, nada que tenha comprometido a tranqüilidade dos anos 70 para os companheiros de rua, que até praticavam tiro ao alvo no pátio de um dos vizinhos militares que emprestava a sua arma – Nilo e os outros menores não tinham autorização dos pais para pegar a arma.

Armas eram comuns na vizinhança. Mas nenhuma marcou tanto a memória do futuro professor quanto o fuzil guardado em segredo no armário da família: “Meu pai esperava usá-la quando estourasse a revolução”, recorda. Hoje, Matteo é o guardião do fuzil do avô, que fica em seu guarda-roupa, dividindo espaço com os livros do pai. Estes, sim, revolucionam a casa, pois estão nas estantes da sala, no quarto do casal, no dos filhos e até na cozinha. Sem falar na coleção mais recente de DVDs, que já conta com mais de 2.000 filmes, comprados ou baixados da Internet. Só que estes ainda se restringem à estante de parede inteira, na sala do apartamento situado na zona sul de Porto Alegre.

Carolina, a esposa, também gosta de livros. “É um presente corriqueiro aqui em casa”, diz Nilo. Eles se conheceram numa festa do curso de História. Carolina era estudante de Música do Instituto de Artes da UFRGS. Não demorou muito, casaram. O primeiro



FLÁVIO DUTRA / PROJETO CONTATO

filho, Matteo, tem 12 anos, e a filha, Isabela, completou seis. O professor admite que acabou dedicando mais tempo às brincadeiras com o filho. “Até porque, ele era sozinho e vivia entre adultos.” Aos três anos, Matteo foi apresentado a uma sala de cinema para ver *2001, uma Odisseia no Espaço*. O menino já conhecia de cor cada cena, pois havia assistido ao filme inú-

vidade em expansão à época. Ali conheceu o professor de História Jetibá Faustino, do Colégio Batista, com quem percebeu o quanto gostava da matéria. “Sempre tive muita sorte”, é como interpreta o fato de suas experiências de trabalho o terem conduzido ao profissional que é hoje.

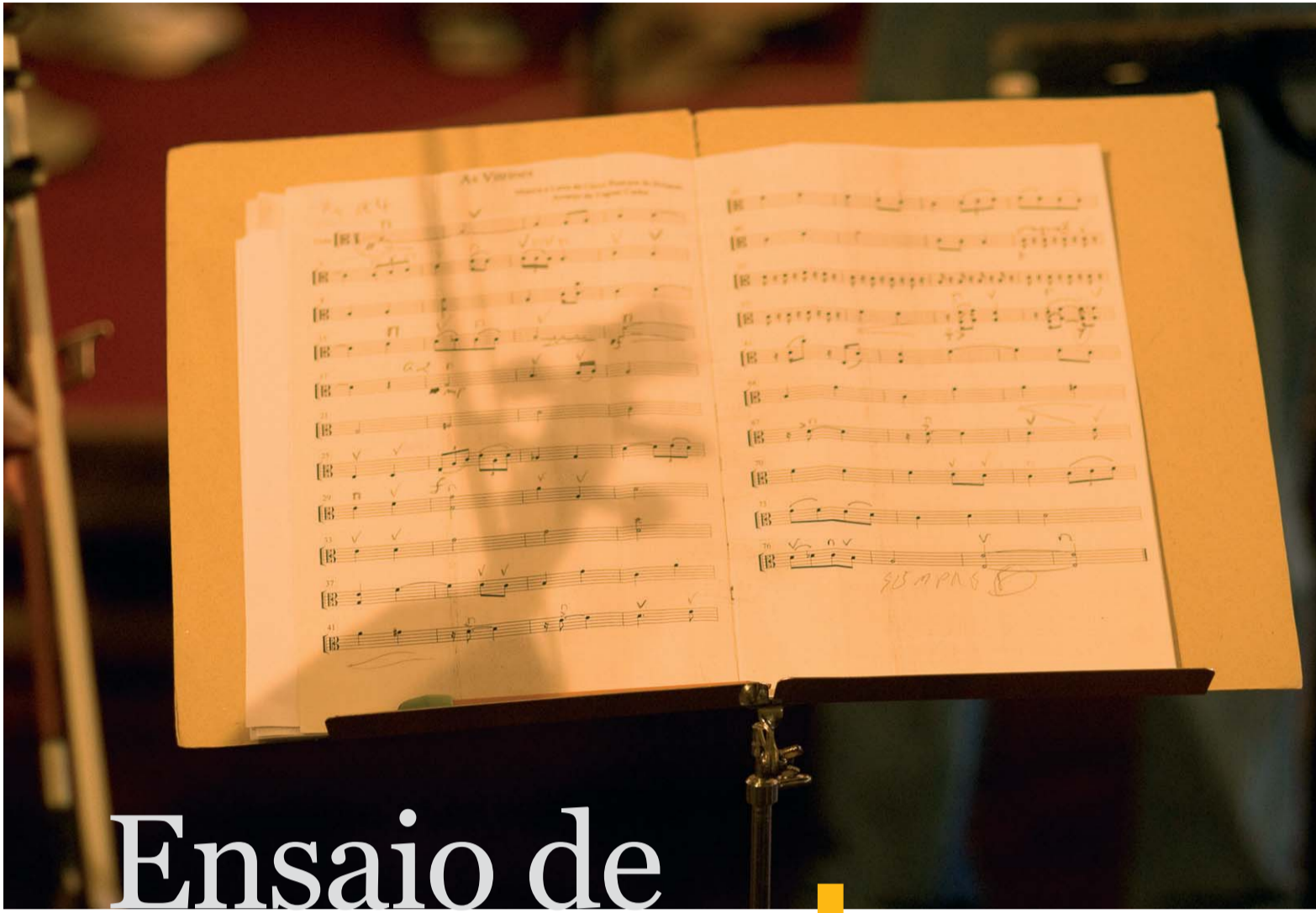
Modéstia. O jovem professor, embora considerado muito brincalhão pelos alunos, é também bastante sério. Leia-se: comprometido. Ao narrar a própria história, o que tenta contar como “acaso” assume o caráter de fator de autoconhecimento. Ou seja, ele tira o melhor de cada situação vivida. Um exemplo foi a experiência que serviu para que ele concluísse que prefere lidar com gente, quando trabalhou em uma empresa com sofisticado sistema de cobrança eletrônica. “Eu odiava e quando chegava domingo de tarde já começava a me escabelar.” Por isso, recomenda a seus alunos que não compensem procurar um emprego só pela satisfação monetária. No caso do cinéfilo, ele definiu sua futura profissão não por acaso, mas a partir de diferentes experiências de trabalho.

Sua estréia foi como bolsista no Museu Júlio de Castilhos (1995), onde teve seu primeiro contato com os pequenos, fazendo visitas guiadas: “Vi que era ótimo trabalhar com criança”. Nesse período, recorria aos arquivos do Museu Hipólito José da Costa para fazer pesquisa em jornais, outra paixão descoberta. “Percebi que adorava ler jornais de época.” Fascínio que o fez retornar à pesquisa em periódicos durante o mestrado na PUCRS, em 2001. Do Júlio de Castilhos, foi trabalhar como estagiário na prefeitura, onde permaneceu de 1996 a 2000. Sem preconceitos, fez até bico de fotocopiador no curso de História, afinal, “estava sempre antenado às oportunidades”, ensina.

“Ensino aos meus alunos que não compensa procurar um emprego só pela satisfação monetária”

meras vezes em casa. O inconveniente foi quando ele começou a narrar a história: “Morreu o amarelo!”.

Experiências decisivas – Nilo tinha oito anos quando seu pai morreu. A dinamicidade que o caracteriza para fazer várias coisas ao mesmo tempo ele atribui à educação dada por sua mãe, que sustentou os quatro filhos com as vendas em sua loja de bairro. Aos 17 anos, o professor decidiu que não faria vestibular, uma vez que não tinha certeza sobre qual profissão escolher. Chegou a tentar Economia, embora já desconfiasse de sua inaptidão para a área. A comprovação veio quando começou a trabalhar em uma rede de videolocadoras, ati-



Ensaio de Orquestra

FOTOS **FLÁVIO DUTRA**
 TEXTO **ANTÔNIO CARLOS BORGES-CUNHA**

A Orquestra de Câmara Theatro São Pedro (OCTSP) mantém, desde o início de suas atividades, em 1985, estreitas relações com o Instituto de Artes da UFRGS, com a participação de professores e alunos em sua programação artística. Marcello Guerchfeld foi o primeiro diretor artístico, função que desempenhou em conjunto com o maestro Arlindo Teixeira, à época professor de Regência do Departamento de Música, e com o maestro José Pedro Boéssio, formado em Regência pela Universidade.

Entre 1989 e 1995, Fredi Gerling atuou com regente titular e coordenador didático, desenvolvendo programações artísticas que permitiram aos estudantes ensaiar e apresentar o repertório fundamental para Orquestra de Câmara. O professor realizou turnês internacionais com a OCTSP, participando de festivais e realizando concertos.

Desde 2004, como maestro e docente do Departamento de Música, procuro contribuir para os objetivos artísticos e didáticos da Orquestra, por meio da renovação do repertório e da superação das fronteiras entre música erudita e música popular. Assim, a OCTSP tem encomendado obras a compositores brasileiros e realizado primeiras audições brasileiras de compositores consagrados da música contemporânea internacional.

As fotos aqui publicadas registram cenas de um ensaio da Orquestra ocorrido na manhã do dia 30 de novembro, no foyer do Theatro São Pedro, juntamente com Nei Lisboa. O cantor e compositor, um dos muitos artistas que já dividiram o palco com os músicos da OCTSP, preparava-se para participar de mais um concerto. A ousadia de misturar guitarra, baixo e bateria com violinos, violas, violoncelos e contrabaixos resulta numa experiência harmônica capaz de encantar o público, provando que a música transcende fronteiras.

